

PARAIBA PECUÁRIA

um diálogo corajoso a favor da pecuária nacional



JULHO - 1978

ANO 3 - No. 5

Guzerá-JA

Seleção feita desde 1895, agora na Paraíba, na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, de José e Ana Rita Tavares de Melo.

MIRASSOL-JA

extraordinário filho de Bhoris, neto de Europa, diversas vezes premiado em Cordeiro, RJ.



O FIM DAS PALAVRAS OCAS

Arnaldo Rosa Prata

ANÁLISE SUMÁRIA DA PECUÁRIA DE CORTE

Santo Lunardelli

A SITUAÇÃO COMO ELA É

José J. de Azevedo

PALPITE DE MINEIRO

Hugo Prata

CARNE: TRISTE EPILOGO DE UMA POLÍTICA

Gugé Ferraz

Sinval Palmeira responde a
V. Coronado:

"Não exageremos!"

O CREPÚSCULO
DOS MITOS

NOSSA TERRA

"Dia após dia, ano após ano, durante muitos séculos, — dedicando-se à agricultura e pecuária, no litoral, no sertão, nas caatingas, nas serras, espalhando o verde e a fartura por toda parte — alguns poucos plantaram uma inteira Nação."



Hoje, a responsabilidade do homem-do campo cresceu, transformando-se no sagrado dever de produzir mais cereais, mais frutas, mais gado, mais fartura para milhões e milhões de pessoas.

Nessa hora solene, a MASA está presente com treinamento de mão-de-obra para as fazendas, oficina de Assistência Técnica no campo, linha completa de tratores, implementos e peças para todos os fins, numa contribuição direta e imediata para a recompensa do trabalho, tendo a solução adequada para todos os problemas agropecuários.

PARAIBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO



Sociedade
Rural
da Paraíba

Parque de Exposições "Carlos Pessoa Filho"
Fones: 321.3467 e 321.4400 - BR - 104
CEP 58.100 - Campina Grande-Paraíba-Brasil.

DIRETORIA

Presidente Humberto Cesar de Almeida
1º Vice Pres Arthur Freire de Figueiredo
2º Vice Pres Fernando Leite Filho
1º Secretário Edson Pereira Leite
2º Secretário Admar Borges de Costa Santos
1º Tesoureiro Francisco de Sousa Diniz
2º Tesoureiro José Adelardo de Mota e Silva

CONSELHO DELIBERATIVO

EFETIVOS - Salvino de Oliveira Filho, Aluizio Afonso Campos, Antonio da Costa Gomes, Manoel Dantas Vda Filho, Ramundo Lima, Henrique Vieira de Albuquerque Melo, Edson de Sousa do O

SUPLENTE - Manoel Ferreira Filho, Virginia Veloso Freire, Newton Vital Figueiredo, Patrício Leal de Melo, Manoel Buarque de Guimão, Saulo de Andrade Maia, José Cavalcante da Silva

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS - Antonio Leal Filho, Jairo Alves Monteiro, Sebastião Alexandrino de Melo

SUPLENTE - Henrique Alexandrino de Melo, José Farias Sobrinho, Luiz Sílvia Ramalho

UMA
PUBLICAÇÃO



EDICAMP EDITORA CAMPESINA LTDA

Matriz: Rua Duque de Caxias, 591, 2º
cj. 209 - Caixa Postal, 98
58.000 João Pessoa - PB
Fone: (083) 222.0950

Revista PARAIBA PECUÁRIA

Diretor: Rinaldo dos Santos
Revisor p/Contabilidade: Virgolino de Farias Leite Neto
Ilustração: Marcos Tenório, Madson Roberto de Sousa
Diagramação e Prod. Gráfica: R. S. Ribeiro
Arte Final: Madson Roberto de Sousa
Fotolito: Valdi Lira
Impressão: Grafset Ltda - Fone: (083) 321.2090 - Campina Grande - PB.
Fotografia: R. S. Ribeiro, Wagner Pinto Peixoto e Otávio Neiva Freire.
Tradução: Paul Collins.
Coordenação: Nilde Chaves Amaral
Circulação: Ademiro Joaquim da Silva
Orientação: Santo Lunardelli (São Paulo), V. Coronado (Paraíba), William Koury (São Paulo), Eurípedes de Oliveira (Paraíba), Ariano Suassuna (Pernambuco), José Ferraz de O. Gurgel (Bahia), Walter de Carvalho (Paraíba), Antônio Ernesto W. de Salvo (Minas Gerais), José Mário J. Azevedo (São Paulo), Arnaldo Rosa Prata (Minas Gerais), Clóvis Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata (São Paulo), Manoel Dantas Vitor Filho (Paraíba).
Colaboradores: Paulo Roberto de Miranda Leite, Manoel Félix da Silva, Sílvia Carneiro Leitão, Moacir Omena de Oliveira, Ovídio Tavares Vinagre, Abelardo Ribeiro de Azevedo, José Nelson Vilela Barbosa.
Direção Comercial: Rinaldo dos Santos
Publicidade Nacional: Pereira de Souza Ltda.
Recife, PE - Francisco Ignácio Ferreira da Silva - R. Bulhões Marques, 15, cj. 411 - Fone: (081) 222.2327/5918 - Telex: (081) 1704 - CEP 50.000
Salvador, BA - Gilvanci Gueiros - Av. Estados Unidos, Edif. Cervantes, 10, sala 106 - Fone: (071) 242.3488 - CEP 40.000
Rio de Janeiro, RJ - Rael Ziller Ribeiro - Av. Graça Aranha, 174, salas 508/12 - Fone: (021) 222.0242/221.4156 - Telex: (021) 22775 - CEP 20.000
São Paulo, SP - Ivo Rodrigues - Rua Araújo, 70 - 7º - Fone: (011) 269.8332/6111 - Telex: (011) 21656 - CEP 01220
Porto Alegre, RS - Múcio Salvador - R. Vignário José Indício, 30, cj. 72 - Fone: (051) 221.6550/224.8939 - CEP 90.000
Curitiba, PR - Aldevaldo Cavalcante Sá - R. Dr. Goulart, 87 - Fone: (041) 252.3282 - CEP 80.000
Fortaleza, CE - Guilherme Filho - Av. Sargento Hermínio, 1080 - Fone: (0852) 226.4423 - CEP 60.000
Belém, PA - Ileri Campos - R. Aymard, 1882 - Fone: (031) 222.9962 - CEP 30.000
Brasília, DF - Marcos Machado de Carvalho - SCS, Edif. São Paulo, 50 - Fone: (0812) 223.5428 - CEP 70.000
Belém, PA - José Moura - Travessa da Piedade, 587 - Fone: (0912) 222.1738 - CEP 60.000
Florianópolis, SC - Rodrigo Sobreira de Moura - R. Flávio Tavares da Cunha Neto, s/n - Fone: (0482) 44.3689 - CEP 03185

conversa ao pé da porteira

Os dados da inflação de junho estão aí, amargos e desalentadores, mostrando que a inflação não é apenas um problema econômico, mas também um problema político de excepcional gravidade. A situação da malfadada agricultura brasileira não permite qualquer otimismo, com a redução das safras de soja, trigo, milho, arroz, feijão e outros produtos, com perdas estimadas em 50 bilhões de cruzeiros pelo Ministro Alysso Paulinelli. E a carne sofrerá um aumento extraordinário, depois da violenta seca que arrasou os pastos do sul do País, muito embora os preços estivessem bem defasados (ou aviltados?), há muito tempo. E, nesse panorama, para onde caminha a agropecuária nacional?

A crise do petróleo, em 1973, que tem servido como bode expiatório de muitas medidas erradas, também foi o motivo de retração dos fomentos à pecuária - que já vinha sofrendo - para possibilitar uma capitalização necessária à procura do ouro negro. Mas, em 1974, a Pecuária, sem qualquer apoio e incentivo, continuou crescendo, mostrando uma superprodução de bovinos e ninguém pensou em estocar, sendo preferível exportar. Os preços eram bons, a procura melhor ainda, o armazenamento ficou esquecido, pois a preocupação era o petróleo.

Já em 1975, o problema-combustível estava equilibrado e, nos campos, havia sobras de carne, com superprodução e a opção era oferecer ao povo, para consumo, o touro e a vaca. Em 76 começa o ciclo crítico, com medidas não muito condizentes com a situação, poucos financiamentos, débitos acumulando-se, perspectivas de melhoria nulas e surge a solução de desespero: vender as matrizes, iniciando a

longa procissão em direção ao matadouro. Diversos frigoríficos registraram 50 por cento de fêmeas, no abate geral, índice absurdo e estupidificante.

Muitos abandonaram os campos, em busca de aplicações mais rentáveis e seguras, embora o êxodo já viesse ocorrendo muito antes. Em 77, não havia carne suficiente. Aqueles que continuaram persistindo no setor, optaram pelo "open-market", investindo parte dos magros financiamentos conseguidos, sabendo que a rentabilidade da pecuária era duvidosa.

O pânico veio, no entanto, com a estiagem do primeiro semestre de 78, afetando sensivelmente os centros pecuários tradicionais que - acossados - pela descapitalização progressiva e necessitando urgentemente de capital de giro, sem qualquer incentivo oficial - resolveram livrar-se das vacas, pois essa "fonte de prejuízo rendia muito mais morta do que viva".

Agora não há carne! Nem o Uruguai, Argentina e quem quer que seja poderá suprir a necessidade do Brasil, pois há carência mundial. Haverá uma corrida em busca do produto, pois os Estados Unidos, o Japão e outros países já autorizaram o aumento das importações. O preço subirá, justificando o retorno ao campo, caracterizando o fim da era das vacas magras, ou então ... o reinício do ciclo vicioso que orienta nossa pecuária. A não ser que, desta vez, a agropecuária seja encarada como "prioridade nacional", para tranquilidade da alimentação mundial!

Muito há de lutar o Governo para reaver a confiança dos agropecuaristas que têm visto seu árduo trabalho flutuar como folha seca sobre as ondas do inconstante mar da política nacional!

NOSSA CAPA

Mirassol-JA, diversas vezes premiado em Cordeiro, RJ - é filho de Bhoris, e neto de Europa que teve 12 filhos, entre eles Francesa, Tartaruga, Barcelona, Manacá, Jazida, todos de renome internacional. Em sua ascendência encontramos Gladiador, Campeão Nacional, consagruíneo por 11 vezes de Lahor.

Mirassol-JA, da Fazenda Nossa Senhora Aparecida, é um dos grandes touros JA no maior rebanho guzerá leiteiro do mundo, com quase 100 anos de seleção rigorosa. Detalhes sobre a Fazenda, na contracapa interna.



ÍNDICE
SUMMARY

	Página
Editorial	3
Reportagens	
— Pecuária leiteira visita o sul em busca de tecnologia	31
Noticiário regional e brasileiro	
— Panorama	21
Artigos e Comentários	
— Análise conjuntural da Pecuária de Corte - Santo Lunardelli	5
— O crepúsculo dos Mitos - Tito Victor	9
— Palpite de Mineiro - Hugo Prata	15
— Carne: triste epíteto de uma política - Gugé Ferraz	17
— O fim das palavras ocas (a Pecuária no banco dos réus) - Arnaldo Rosa Prata	19
— As incertas estatísticas do crescimento brasileiro - Clávis Cavalcanti	27
Assunto Técnico	
— O Zebu é brasileiro	29
Debate Aberto	
— Não Exageremos - Sinval Palmeira responde a V. Coronado	34
Entrevista	
— A situação como ela é ... - José Junqueira de Azevedo, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Nelore	7
As palavras do Leitão	
— A voz do povo - José Barbosa Maia	4

ÍNDICE DE ANUNCIANTES
ADVERTISER INDEX

	Página
José Tavares de Melo, Fazenda N. S. Aparecida - gado guzerá	capa
Mesa Mecanização Agrícola S.A.	2a. capa
Fazenda Teresópolis	6
Manuel Dantas Vilar Filho, Fazenda Carnaúba, gado guzerá	11
Banco Nacional do Norte, Banorte	13
Serv. Promo. Comerc. Especiais	15
Agronômica S. A.	18
Secretaria de Agricultura do Estado, FES, Exposições	22
Vitaval	30
José e Ana Rita Tavares de Melo, Fazenda N. S. Aparecida, gado Guzerá	3a. capa
Dan Messel, equipamentos para irrigação	contracapa

PARAIBA PECUÁRIA tem como meta a divulgação do rebanho nordestino em especial, assim como os métodos, sistemas e recursos empregados na manutenção, seleção e desenvolvimento. **PARAIBA PECUÁRIA** é o porte-voz da classe rural e se propõe, ainda, a divulgar a orientação emitida pelos poderes constituídos, referentes às atividades do setor primário. A revista é editada na Paraíba. Quaisquer informações ou artigos de interesse especial podem ser solicitados e serão atendidos também no idioma inglês.

A VOZ DO POVO

Podem os sábios criar as mais belas teorias filosóficas, defendidas e justificadas pelos mais lógicos raciocínios, encontrarão sempre opositores.

A sabedoria popular, esta é consagrada universalmente. Ninguém a contesta. O que o povo afirma aqui, é aceito no mundo inteiro. A voz do povo é a voz de Deus. É a experiência vivida e sofrida através dos tempos.

Vejamos que diz o povo: "O pau só quebra nas costas do mais fraco". Quem contestará esta verdade? Enquanto houver injustiça, esta máxima popular terá validade e ninguém a poderá contradizer.

Agora vamos verificar se ela se aplica perfeitamente ao nosso caso. Todos sabemos que nenhum aumento no preço das mercadorias poderá ser concedido sem o "placet" do Sr. Ministro da Fazenda e que S. Excia. tem concordado com a elevação dos preços de modo geral, inclusive com relação às empresas governamentais que não querem ou não podem sacrificar os seus lucros.

Pelas reuniões preparatórias realizadas em algumas capitais para discussão do novo preço do leite, ficou evidenciado o desprestígio da classe. Na primeira reunião, na Sunab Recife, em 11.01.78, com a presença de dois técnicos do Ministério da Agricultura, **não foi dada aos representantes da classe oportunidade de debater o assunto.** Foi-lhes dito, simplesmente, que posteriormente haveria outra reunião para tratar do mesmo assunto. Esta foi convocada pela assessoria do Sr. Ministro da Agricultura, para o dia 15.2. 78, no mesmo local. Qual não foi a decepção dos diversos representantes quando, em lá chegando, tomaram conhecimento de que a referida reunião fora realizada no dia anterior, isto é, em 14.02.78. O que foi concedido na citada reunião foi informado aos frustrados representantes por funcionários da Sunab, os quais — por acaso — estiveram presentes ao evento: que o aumento seria talvez de 15% em março e 15% em julho, perfazendo 30%,

tudo dependendo, em última análise, da aprovação das autoridades, o que vale dizer, do Exmo. Sr. Ministro da Fazenda.

Agora, pelas notícias que nos chegam, Sua Excia. o Ministro não concordou com o reajustamento justo para o citado produto que, por ser de primeiríssima necessidade, constitui para o Governo um caso de solução política.

Azar, portanto, de quem produz artigo de tão largo consumo popular e que merece, por isso, tão especial atenção do Sr. Ministro da Fazenda. Atenção, bem entendido, em favor do consumidor, porém sem atender aos legítimos interesses do produtor. Não pode o produtor de leite, pequeno ou grande, suportar o ônus de um preço fictício mantido pelo Governo às custas de uma classe. O ônus da inflação deve ser dividido por todos.

Ninguém ignora que nenhuma empresa suportará produzir, por longo tempo, em regime deficitário. Que o digam as próprias empresas governamentais que são as primeiras a reajustar seus preços e tarifas. Será que os senhores técnicos não percebem que nenhuma classe suportará uma inflação de 43% ao ano sem ter os seus preços reajustados? Será que o Sr. Ministro da Fazenda ignora que, quando comprime o preço do leite, impede o produtor rural de fazer um novo investimento em sua gleba, faz com que o pagamento de um compromisso seja adiado, ou mesmo que o salário de um trabalhador do campo deixe de ser reajustado, dando lugar a que aumente, em conseqüência, a onda daqueles que emigram para os grandes centros à procura de melhores salários?

Somos de opinião de que S. Excia. sabe tudo muito bem, mas o faz porque os que suportam a injustiça são os mais fracos e não gritam.

José Barbosa Maia
Cooperativa Agropecuária de
Campina Grande Ltda — Presidente

Foto em destaque



José Tavares de Melo e sua esposa Ana Rita Tavares de Melo, de repente, deixam de ser mais um criador de gado, para ser o proprietário de todo o rebanho, do acervo e da marca JA, do saudoso João Carlos Burguês de Abreu. As modificações que estão sendo processadas na Fazenda Nossa Senhora Aparecida deixam claro que o Guzerá JA continuará merecendo o prestígio internacional de "melhor guzerá leiteiro", lembrando as palavras textuais dos proprietários: "O rebanho permanecerá intacto, a seleção leiteira continuará, não serão introduzidos touros de fora e a orientação será a mesma de João de Abreu"

ANALISE CONJUNTURAL DA PECUARIA DE CORTE

SANTO LUNARDELLI, considerado por muitos técnicos como uma espécie de herege, não aceita certas imposições dos organismos oficiais e tampouco da ABCZ. Segundo ele, a letargia que domina aqueles que deveriam orientar a agropecuária é a grande responsável pelo impasse atual. Acha que devemos corrigir o passado e começar tudo de novo, antes que o Zebu, já um patrimônio nacional, venha a se perder definitivamente. Isso porque, salienta, não temos no Brasil, nenhum geneticista que realmente conheça o grande gado de origem oriental, o que tem desvirtuado nossa pecuária.



Reina a confusão, a falta de entendimento e conseqüente enfraquecimento das reivindicações a favor do zebu para carne, gerando uma discriminação sem sentido, devido unicamente à ignorância zootécnica. Estamos setenta anos atrasados e a genética não pode continuar sendo considerada uma simples panacéia pois corremos o risco de continuar uma pecuária de passado esplendoroso, mas fadada a nos envergonhar no futuro.

É a situação nascida de um encontro de circunstâncias e que se considera como o ponto de partida de uma evolução, uma ação, um fato.

As circunstâncias que contribuíram para o estado de coisas em que se debate a nossa atividade são várias, mas dentre elas a principal é a dissensão, é a pluralidade de pontos de vista, a multiplicidade de interesses em jogo que de acordo com a antiga verdade, um reino dividido não pode ficar de pé.



A ignorância zootécnica provoca um tratamento diferente entre gado de raça...

De um lado o governo procurando atender as necessidades do consumidor numa política imediatista, promovendo o desestímulo da atividade com a importação do produto final, a carne, visando tão somente satisfazer o aspecto social do problema, protelando desta maneira equacionar o aspecto econômico da pecuária de corte.

De outro lado as Associações de classe que não conseguem arregimentar seus filiados em quantidade sufici-

ente a representar os anseios daqueles que realmente dependem da criação de animais destinados ao abate.

O produto final, a carne, é o último elo de uma corrente cujos anéis intermediários visam tão somente um aspecto da questão que é a comercialização do animal. Daí a multiplicidade de Associações conseqüente à pluralidade de raças, cada qual defendendo os atributos étnicos, visando a produção de carne. Mesmo não levando em conta a disparidade de opiniões face ao comportamento zootécnico de representantes de raças européias e no sentido de nos atermos tão somente ao enfoque do rebanho de maior expressão econômica que é o boi indiano, vamos verificar que mesmo assim reina a confusão, a falta de entendimento, a desarmonia de pontos de vista.

O enfraquecimento das reivindicações decorre em primeiro lugar da divisão que existe na criação de zebu, em gado fino e gado de corte, quando se sabe que o boi de giba tem uma fi-

nalidade específica, em condições tropicais, que é a produção de carne.

As opiniões discordantes deste ponto de vista já faz parte do passado em que São Paulo foi batido defendendo o sangue europeu na criação de bovinos para o trópico. Naquela ocasião, perdida a batalha, não existia condições para que São Paulo determinasse como fazer em termos zootécnicos. Minas Gerais, tendo Uberaba como centro irradiador do sangue indiano, com justiça, transformou-se em meca do zebu orientando e ditando normas em defesa da pureza racial dos diferentes agrupamentos Gir, Nelore e Guzerá e assim em 1936 foi oficializado o registro genealógico dos mesmos, cujos padrões perduram até hoje. O nó górdio a impedir a evolução e melhoramento do zebu é precisamente a rigidez de uma legislação superada no tempo e que não atende a realidade do que ocorre nos rebanhos. Satisfaz apenas o interesse mercantil de uma minoria que se dedica à criação de animais

... e gado de corte, beneficiando uma suposta elite





destinados à passarela das exposições.

Ora, o bovino tem uma finalidade econômica para atender às exigências alimentares da nação e a distorção do enfoque, beneficiando uma suposta elite de gado fino com favores financeiros, contradiz as necessidades de ampla maioria de criadores de boi de corte.

Qual a razão desta discriminação de tratamento? Qual o motivo da disparidade de valores entre um animal registrado e um sem registro? A ignorância zootécnica.

Neste particular estamos a pé e é preciso passar o Brasil a limpo e começar tudo de novo, em conceitos na criação e melhoramentos dos animais domésticos. Estamos setenta anos atrasados em termos de conhecimento científico e a nação não pode mais postergar soluções que venham no futuro, atender às necessidades em profeta animal.

A genética não é uma panacéia, não resolve todos os problemas da pecuária,

mas sem a sua contribuição, impossível se torna o melhoramento de plantas e animais.

Ora, o padrão racial para efeito do registro genealógico das raças zebuínas, foi estabelecido em período anterior à divulgação dos conhecimentos das leis da hereditariedade que continuamos ignorando. Que dizer da ecologia estruturada como ciência somente em 1930, e que vem em nosso auxílio para confirmar a tese que defendemos?

Defendemos uma idéia que só nos tem trazido dissabores porque contraria a inércia dos detentores do poder, do poder político e econômico de uma pecuária de passado esplendoroso, mas que não atende aos anseios do presente e está fadada a nos envergonhar no futuro. A verdade, na maioria das vezes, é amarga, no dizer de Solzhenitsyn, mas é preciso que seja revelada sob pena de pecarmos por omissão.

O registro genealógico fechando as

portas evolutivas do processo seletivo, em 1970, não deixou outra alternativa, ao desejo imperioso de inovar, impelindo a nossa tecnocracia a falsear a verdade. Nossos zootecnistas não acreditam no que escrevem, pois a isso vêm-se obrigados. A onda avassaladora de cruzamentos nada mais é do que um expediente aleatório, um óleo canforado para uma pecuária moribunda.

Estas considerações refletem apenas um brado de alerta a indicar o caminho da redenção de nossa bovinocultura cujo lema será "exportar é a solução"; exportar "know-how" para a faixa tropical do mundo em grito de independência zootécnica.

Guindado ao cargo de Vice Presidente da Comissão Técnica de Pecuária de Corte da FAESP, não podia deixar de emitir meu modesto ponto de vista que visa atender a dois objetivos: primeiro contribuir na análise conjuntural da Pecuária de Corte; segundo tranquilizar minha consciência do dever cumprido.

fazenda TERESÓPOLIS

"BOA ESPERANÇA", A 20 KM DO CENTRO DE TERESÓPOLIS, 2 KM PAVIMENTADA VIA FRIBURGO, COM 30 ALQUEIRES (150 HECTARES). O RIO FRADES PASSA EM FRENTE À CASA COLONIAL, CORTANDO A FAZENDA, COM SEUS REMANSOS E BELÍSSIMAS CACHO-

EIRAS, PRÓPRIAS PARA CRIAÇÃO DE PEIXES (TRUTAS).

CAPIM GORDURA NATIVO E ABUNDANTES PASTAGENS. TERRAS EXCELENTES PARA CULTIVO DE HORTALIÇAS EM GERAL.

TRATAR PELO TELEFONE: 711.1413
NITERÓI

A SITUAÇÃO COMO ELA É...

JOSÉ MÁRIO JUNQUEIRA DE AZEVEDO, presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, é concludente em seu depoimento, não deixando para depois o que pode dizer agora. Vendo inúmeras iniciativas nascerem "quase mortas", e dezenas de outras totalmente inúteis ou não melhorantes, vendo a dolosa aplicação de leis, acordos e imposições, conclui que alguém deve falar, alguém deve acusar e assumir essa responsabilidade corajosa, em defesa de todos os agropecuaristas brasileiros.



O projeto do Ministro da Agricultura Allyn Paulinelli, intitulado Plano Nacional da Carne, dava a entender que todos os problemas seriam solucionados. Contudo, malgrado as boas intenções, o plano parece ter nascido bem morto, pois — uma a uma — todas suas metas foram sendo frustradas. Este ano, novos fracassos estão sendo previstos, sob o título de "atualizações do Plano", principalmente tendo em vista que o secretário do Conab está anunciando a "convivência de carne congelada com carne resfriada durante a entressafra, o que mostra que 1978 será um ano atípico".

PP — Em 1974, Paulinelli chegou à conclusão de que os frigoríficos eram os culpados pelas deficiências do abastecimento interno. Como ele chegou a isso? Como os pecuaristas vêem essa conclusão?

JM — Lamentavelmente, o Ministro da Agricultura não mede as suas palavras. Hoje ele fala uma coisa, amanhã ele fala justamente o contrário. Então, as conclusões do Ministro não podem ser levadas muito a sério.

PP — Mas, com relação aos prejuízos que os frigoríficos estavam causando no mercado interno, ele estava certo?

JM — Os grandes frigoríficos nacionais e multinacionais gozam de grandes privilégios da política governamental. Evidentemente que eles têm muitas relações públicas que cumprem bem o seu trabalho, frequentando os gabinetes ministeriais, dão bombosinhos para as secretárias, promovem noitadas para os tecnocratas e, então, conseguem certas medidas que contrariam o interesse da economia nacional. O "draw-back" é um caso típico. Prejudica a economia nacional, o produtor. O poder público não arrecada nenhum tostão e não traz nenhum benefício para o consumidor. Quem são os beneficiados, são apenas as grandes empresas nacionais e os grandes frigoríficos multinacionais. Isso são medidas governamentais. E, lamentavelmente, o Ministro da Agricultura diz ser o pai dessa criança!...

PP — E hoje que ele defende os pecuaristas ou os agricultores, de um modo geral, não o redime?

JM — Hoje é tarde, não mais o redime. O pior que ele fez, o pior que o Ministro fez, foi autorizar uma impor-

tação de carne em 1974, quando o mercado estava superlotado, para possibilitar a exportação de Volkswagen. Tanto que ele recebeu uma justa homenagem da indústria automobilística, em agosto de 74, que consideramos... justíssima!

PP — Quem infringe com maior regularidade o acordo de cavalheiros, os pecuaristas ou os frigoríficos?

JM — O acordo de cavalheiro do início deste governo estabeleceu o boi a Cr\$ 110 a arroba e o quilo do dianteiro a Cr\$ 5,20 e o do traseiro a Cr\$ 6,50. Hoje, o quilo do traseiro está sendo vendido a Cr\$ 25,00 e o do dianteiro a Cr\$ 19,00. Faça um cálculo — puramente matemático — se a carne não subiu muito mais que o boi.

PP — Esse Plano da Carne, lançado em 74, e hoje em vigor com algumas atualizações, tem dado certo?

JM — Não há plano nenhum. Não existe plano nenhum. O que se instituiu um pouquinho mais foi a estocagem. A estocagem, em tese, é benéfica ao produtor e ao consumidor. Ela evita uma baixa muito brusca, ao produtor na safra, e uma alta muito elevada na entressafra, ao consumidor. Em tese, é muito boa. Mas, acontece que tem sido apenas no papel.

PP — E na prática, como tem sido?

JM — Na prática, os frigoríficos têm levado dinheiro para fazer estocagem e fazem muito menos. Prova disso é que estão endividados e, há três anos, não estão pagando a carne.

PP — E essa manipulação que dizem que os frigoríficos fazem com a carne, uma vez que a Cobal aluga as câmaras...?

JM — Não, é ao contrário. A Cobal é que aluga as câmaras deles e, eles, como depositários, não depositam. Na sua maioria, com algumas raras exceções.

PP — Quanto às importações, como o senhor vê essas compras externas do País de 74 para cá?

JM — Em 74, foi o maior absurdo que existiu. Havia excesso. Foi proibida a matança porque havia excesso de carne, com uma estocagem muito grande. Como é que você vai importar? Isso não está na cabeça de ninguém. Agora, talvez seja preciso, mas não existe produto para ser importado...

PP — Há notícias de que a Argentina e o Uruguai suspenderam as remessas para o Brasil. Como o senhor vê isso?

JM — Nem a Argentina, nem o Uruguai chegaram a vender para nós. Eles usaram o Brasil para conseguir um preço melhor no Mercado Comum Europeu.

PP — E agora, para a formação do estoque regulador?

JM — Não há mais possibilidade. O estoque regulador devia ter sido feito em janeiro, fevereiro e março. Este ano já passou, não há mais possibilidade para a sua formação.

PP — Caso não houvessem as importações, o rebanho brasileiro supriria as necessidades do mercado interno?

JM — De uns anos para cá, a política governamental tem desestimulado o produtor. Em consequência disso, houve uma fuga de capitais. O Estado do Paraná transformou 50% de suas pastagens em plantações de soja e trigo, o Rio Grande do Sul 40% e o Mato Grosso do Sul, 15 por cento. Em outras



unidades da Federação, as pastagens cederam lugar para plantações de cana, laranja, etc. Por outro lado, houve uma matança indiscriminada de matrizes, resultando numa diminuição do rebanho. E, com o aumento do consumo, é evidente que haverá falta de carne...

PP — Ainda em 74, o Ministro anunciou a abertura de uma linha de crédito de Cr\$ 1 bilhão para melhoria dos pastos naturais e...

JM — Esse plano chamava-se Pronap. Esse plano financiou meia dúzia e depois acabou. É um plano muito bonito e todo mundo quer. Doze anos, juros de 7 % sem correção monetária, só que não há recursos! Fazer um plano só para meia dúzia? É melhor não fazer...

PP — Essa meia dúzia era privilegiada?

JM — Não, não são privilegiados. Foram apenas os primeiros que correram. Só que depois acabou o plano por falta de recursos. O plano era muito bom. Não se pode fazer um plano desses sem recursos. É poesia. •

PP — E o aumento do rebanho e da taxa de desfrute, incluídos neste plano?

JM — Se o plano do Ministro era para aumentar o rebanho, ele conseguiu justamente o contrário, porque ele diminuiu sensivelmente o rebanho brasileiro. Quanto ao desfrute, eu gostaria de falar com os tecnocratas, esse pessoal de gabinete e, lamentavelmente, alguns jornalistas que não conhecem a realidade. Eles jogam com o negócio do desfrute para dizer que a pecuária brasileira está muito atrasada. Eu digo que a pecuária brasileira é a mais adiantada do mundo. Primeiro, nós selecionamos o rebanho zebuino, cujos reprodutores são procurados por todo mundo subtropical. Conseguimos formar esse rebanho brasileiro, que é o maior do mundo, em condições adversas...

PP — Mas, segundo os dados estatísticos oficiais...

JM — Sei. Os dados estatísticos partem de um rebanho de 100 milhões e

de uma matança de 11 milhões. Acontece que nós nunca tivemos 100 milhões. Nosso rebanho, no máximo, atingiu 80 milhões e hoje está reduzido a 60 milhões. Depois eles partem de uma matança de 11 milhões e fazem o cálculo: 11 de 100 igual a 11 por cento de desfrute. Nós abatemos, no Estado do Rio de Janeiro, que é muito adiantado, muito mais do que a matança "oficial". Num País como o nosso, não estão nas estatísticas as matanças das pequenas cidades, das fazendas e as matanças clandestinas que, acredito, são muito maiores que a oficial.

PP — Nesse caso, então, a gente pode deduzir que o rebanho é muito maior?

JM — Não é maior. Não é maior, não senhor, porque está provado pelo Condep que fez um levantamento e chegou à conclusão de que o rebanho vacinado chegou a 50 milhões e restavam outros 25 para vacinar, contra a febre aftosa. Daí se conclui que nunca tivemos um rebanho de 110 milhões.

PP — Essa taxa de desfrute, então, qual seria?

JM — No mínimo 25 por cento. E depois, de mais a mais, não se pode comparar o desfrute daqui com o desfrute europeu. Lá eles são obrigados a abater as matrizes, em virtude da falta de espaço. E nós, como estamos ampliando, temos que segurar as matrizes para habitar a Amazônia. E, ademais, não é o índice de desfrute que revela o progresso da pecuária. Se abatermos 100%, acabamos com o rebanho. Se abatermos 50%, reduzimos o rebanho. É o índice de natalidade que revela o progresso da pecuária. Mas os sujeitos do gabinete, puseram o desfrute na cabeça, os bitolados puseram o desfrute na cabeça e vêm argumentando com essa imbecilidade.

PP — Então, o nível de crescimento do rebanho brasileiro, medido através da natalidade, como anda atualmente?

JM — Nas regiões desenvolvidas, como São Paulo, Paraná, Mato Grosso, o índice vem aumentando. É difícil

uma porcentagem exata, no seu todo. Mas existem rebanhos que atingem a 90 por cento. A porcentagem de outros vai até 70% que, acredito, é uma boa média. É um índice bem elevado e que revela o progresso. E tanto isso é verdade que estão procurando nosso rebanho para reprodução e seleção.

PP — Devido às dificuldades que ocorrem nas importações, o Conab está anunciando uma convivência de carne congelada com resfriada na entressafra...

JM — Isso devia ser. Já viu alguém, por exemplo a Sunab — que cuida dos problemas do abastecimento — proibir a venda de carne fresca? Isto está na cabeça de alguém? Essa proibição é o maior absurdo que se fez no País: proibir a venda de carne fresca.

PP — Em outros tempos, ou seja, em épocas mais favoráveis, há possibilidade de o rebanho brasileiro vir a satisfazer as exigências internas?

JM — Sempre deu, com pequenas sobras que poderiam ser exportadas. Para aumentar o rebanho é preciso fazer uma política acertada de estímulo ao produtor. Não precisa dar muito estímulo, não. É só o Governo não atrapalhar e deixar o mercado livre. Serão necessários, pelo menos, 10 anos para normalizar.

PP — E além do mercado livre, quais outros estímulos?

JM — Um financiamento, a longo prazo, com juros baixos...

O CREPÚSCULO DOS MITOS

Tito Victor

Coletadas nos recintos das Exposições, em conversas com criadores, técnicos e autoridades, o autor apresenta diversas observações críticas, mostrando a fragilidade do atual sistema que orienta nossa agropecuária — numa linguagem simples, irônica e audaz.

DISCURSOS, ABRACADABRAS, EUREKA!

O General Figueiredo, futuro presidente, pregou alto e bom som que em sua gestão será a Agropecuária um dos setores que terá a sua importância devidamente analisada e bem posicionada, com título pomposo de “prioridade nacional”. Como a esperança dos criadores é a última coisa que morre, o futuro presidente surge no cenário como uma espécie de milagrosa tábua de salvação... para o porvir! O diabo é que o brasileiro não gosta de discursos e muita conversa oficial, porque não há homem público que, falando para o povo, não dê a impressão de que está traduzindo, mentalmente, suas palavras do grego ou do sânscrito. Nenhuma pessoa do povo lê peças oficiais ou textos congêneres, tais como: **Planejamentos, Programas, Metas Governamentais, Política de Crédito**, etc. porque não tem paciência e tampouco capacidade para decifrar os códigos e os mistérios das entrelinhas da incompreensível e enfadonha linguagem oficial.

Antigamente, (quando se plantava e se colhia, sem o vento agitar a todo instante as leis da agropecuária), os documentos já eram enfadonhos, cansativos, mas sempre havia algum “letrado” ou mesmo “iniciado” que conseguia interpretar tanta chatice. Hoje, quem escreve não são mais os homens públicos, é a tecnocracia atrelada ao comboio oficial. E essa tecnoparasitocracia ajudou a piorar, ainda mais, as coisas: nem com dicionário especial consegue-se decifrar uma linguagem repleta de expressões ácidas como: “crédito rural”, “amortização”, “subsídio especial”, “importação”, “equilíbrio da balança”, etc. Dessa maneira, a chatice consolidou-se como incompreensível e ninguém mais se importa com as palavras oficiais, mais fúteis que o vento!

O homem-do-campo, esse herói diário, já tem a seca, a enchente, as pragas, as moléstias do rebanho, os vendavais nas vésperas de colheita, os confiscos cambiais, os tabelamentos disfarçados e indisfarçados, a suspensão de crédito, o assalto constante dos atravessadores, o aumento dos insumos, os absurdos juros bancários e dezenas de outras calamidades que perseguem e massacram a agropecuária, mas mesmo assim, esse herói continua lutando ao Deus-dará, em plena escuridão, confiando na esperança de dias melhores.

O futuro presidente, entretanto, não falou apenas uma vez, ele tem insistido, mostrando que sabe que a produção de alimentos deve ficar em primeiro lugar. (Afinal, a fome alimenta a desordem e é muito mais fácil “levantar o véu que caiu sobre a agropecuária, em detrimento de outros setores, há já muito tempo”, do que enfrentar situações inesperadas de escassez alimentícia em plena Terra da Promissão)

No Brasil, apesar de todas as incongruências, de todos os ataques aviltantes, de todas as pressões, a agropecuária ainda responde por mais de 70 por cento das divisas, no final do ano. Isso quer dizer que, além de injusto e criminoso, o carinho dedicado à industrialização torna-se, a cada dia que passa, mais ridículo, pois vem amortilhando e sepultando o setor primário.

Uma extensão territorial de 8.500.000 quilômetros quadrados não deveria apresentar problemas de escassez alimentar ou de exorbitância de preços. A distorção existe porque os empresários abandonaram a agropecuária para se dedicar a outros setores e é chegado o momento já previsto de voltar os olhos novamente para a produção de proteínas, sem desativar o processo de industrialização do País. Basta apenas abrir as portas da cela onde ficou agrilhoadada a agropecuária, extinguir o caráter de ostracismo e lhe conferir — de verdade — uma situação de prioridade nacional, na pauta do Governo. Porque ninguém sobrevive

de indústria, de especulação imobiliária, de “open-market”, de caderneta de poupança — todos vivem de alimentos.

Um País desenvolve-se, inicialmente, onde estão os cascos do boi. Depois, nos caminhos abertos e trilhados pelas boiadas, surgem as cidades e — muito mais tarde — as indústrias. Essa é a ordem dos fatos, até quando houver terra para se explorar, e todos os outros modelos de “desenvolvimento” estarão fadados ao fracasso, tendo já sido por demais provado no Brasil de hoje que a criação de focos industriais não tem sentido algum, sem a presença efetiva da riqueza derivada da agropecuária.

A carroça foi colocada na frente dos burros... embora a estrada seja muito longa e o dia mal acaba de raiar.

AH! O DINHEIRO! ESSA DURA VERDADE!

Depois de investir em cercas, capineiras, currais, gado de raça, rações, implementos, juros, etc. o criador vê a carne chegar às mãos do consumidor que, coitado! não tem dinheiro para pagar o justo valor. E ele, o criador, é obrigado a se contentar com uma ínfima migalha, depois do atravessador e do frete, tentando descobrir um processo de magia que faça com que essa migalha seja batizada com o nome de “lucro”. E todo mundo acaba pagando pela situação, até a indústria que vê aumentar seus estoques enquanto os criadores preferem “deixar como está para ver como fica”, engolindo esperança, todo dia. Resultado: o consumo de bens industriais cai e o fornecimento de produtos agropecuários também cai. O motivo?

Muitos motivos podem ser apresentados para a crise, mas a solução somente deverá chegar com muito dinheiro, pois somente um crédito, a nível nacional, visando produzir carne para ser consumida daqui a dois anos

poderá corrigir a distorção. O prato da balança não pode pender somente para manter a sobrevivência dos frigoríficos mas o fiel deveria provocar o equilíbrio na distribuição do crédito, deixando parte para os criadores.

O sistema de Crédito está distorcido e vem flagelando o produtor rural, numa cadeia sem fim, fazendo com que todos fiquem cada vez mais dependentes e mais pobres, forçando o desvio, sub-repticiamente, dos recursos para canais mais lucrativos.

Por outro lado, pouco há que se esperar, uma vez que o Ministério da Agricultura não tem voz ativa nem no assunto "criação de boi", nem no assunto "carne", o que causa estupefação! Poucos são os representantes saídos do meio rural nos quadros ou comissões formuladoras da política governamental para o setor, provocando o aumento do descompasso e a subordinação a um sistema completamente alheio à realidade rural.

O que sucederá ao Brasil quando os produtos agropecuários deixarem de pesar na Balança anual?

A falta de recursos e o desestímulo deixaram o homem despreparado para a seca, estiagem, pragas, inundações, doenças e por esses motivos naturais e a falta de visão dos técnicos, a Balança será deficitária, seguramente. Poderão, nessa hora, os produtos industrializados re-equilibrar a dívida externa e ainda propiciar a importação de carne, feijão, cebola, soja, batata, e etc?

E VAMOS IMPORTAR...

O Brasil, quarto produtor mundial de bovinos, com largas possibilidades de ocupar o primeiro posto, resolve importar carne, em detrimento do flagelado produtor nacional e até mesmo do consumidor.

A insidiosa política de estabilização forçada nos preços, sem acompanhar a espiral inflacionária, tem provocado esse indiscriminado e ameaçador abate de fêmeas e, já em 1978, começará o saque executado contra o inocente consumidor que — forçosamente — está ficando sem poder de aquisição, enquanto os produtores vão sendo paulatinamente sacrificados.

A cegueira é incompreensível, seguindo os ditames dos péssimos patriotas que sugerem as importações de carne e mesmo de gado em pé, enquanto o Brasil já poderia estar "ministrando aula de pecuária" para qualquer outro País. Mas, de repente, os tecnocratas declaram que os agropecuaristas brasileiros nada entendem de gado e

iniciam um processo de desvalorização acelerada do rebanho zebuino nacional, permitindo e endossando criminosas importações.

O gado europeu, que está sendo introduzido em massa, não terá condições de suportar o embate e, mais uma vez, o resultado incidirá num desperdício de divisas, como grande apoteose do festival da Pecuária Nacional. O "desejado e necessário" refrescamento de sangue, ou a busca de um "bezerro ideal" não precisaria implicar em tanta asneira e perdulidade!

O exemplo é tão descarado que o Secretário de Agricultura de Minas, Sr. Agripino Abranches Viana enfatizou que, "a partir da safra de 1979, ao invés de Secretarias e Ministério da Agricultura, teremos Secretarias e Ministério da Importação Agrícola".

DEUS SALVE O PREÇO DA ARROBA

Em julho de 1978, os frigoríficos mineiros já não estão encontrando boi para comprar, e os preços vão desde Cr\$ 380 até Cr\$ 460 por arroba, prevendo-se que atingirá Cr\$ 750 em dezembro, apesar das vozes contrárias. O Frigorífico T. Maia, de Governador Valadares, com capacidade de abate para 1.000 bovinos diários está conseguindo apenas 900 unidades por semana, sendo 50% de fêmeas. O Frimusa, de Teófilo Otoni, região tradicionalmente criadora de gado de corte, está abatendo apenas 200 cabeças/dia, sendo 50% de fêmeas, embora com capacidade para 800 unidades/dia.

E o problema é geral! As medidas erradas, o menosprezo à agropecuária, tudo tem levado os criadores a uma desesperada solução: vender machos e fêmeas para pagar as dívidas. Fechou-se o olhar à traição que se executava contra os criadores e agora o problema somente poderá ser resolvido a longo prazo, se houver financiamento para a aquisição de matrizes. E, logicamente, se as coisas continuarem como vão, esses financiamentos não visarão a aquisição de matrizes de gado naturalizado Zebu, mas sim de algumas raças que terão de aguardar dezenas de anos para se naturalizarem, anarquizando, ainda mais, o cenário.

Não é necessário ser profeta para ver que os preços vão disparar, que a carne congelada não vai abastecer adequadamente, que a carne importada (com sucessivos e imitáveis aumentos na quota) sofrerá muitos problemas de frete, preço no varejo, de fornecimento na região de origem, etc.

Em suma, gado em pé valerá muito, devido à escassez, logo. Essa política

que conduziu a Pecuária ao que ela é hoje, está muito confusa, porque todos sabiam que iria acontecer o que já começou a acontecer, e mesmo assim deixaram acontecer.

Enquanto isso, como ironia do destino, os Estados Unidos estão importando 657.720 toneladas, sem provocar a queda no preço interno, pois não alteram a produção dos agropecuaristas. Os fornecedores serão Austrália, Nova Zelândia e América Latina (exceto Brasil). Também o Japão e outros países estão anunciando suas importações, deixando claro que o Brasil poderia ter a carne com a mesma posição que o café na Balança...

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

O Ministério da Agricultura (responsável pela fome, a despeito das pressões do Ministério da Fazenda) não se preocupa em exigir carne, ou propiciar os meios para a suficiente produção, enquanto as Entidades de Classe (responsáveis pela orientação aos pecuaristas) preocupam-se apenas em exigir raça, deixando a carne e o leite como simples derivações.

E surge então a pecuária da moda, cultivando-se orelhas mais longas, chifres em lira, cauda envassourada, barbeta pendular, francho enigmático, dorso morfo-horizantal, olhar querelo racial, pelo cinza fantasia, etc.

E, aproveitando o momento de impasse, os marchantes internacionais (?) atacam livremente, tentando transformar o Brasil de provável exportador em futuro grande importador de carne. E logo, passaremos a ver os mercadores vendendo carne e leite, de norte a sul, afrontosamente, sob os narizes dos técnicos governamentais...

Os criadores sabem que raça pode produzir carne e leite, com gado naturalizado, mas — no sistema atual — o crédito bancário foge do gado zebu, como o diabo foge da cruz e a única solução é partir, obrigatoriamente, para o gado europeu ou alienígena, de sobrevivência duvidosa (embora seja exibido gordo e saudável, em fotografias), mas de aprovação imediata nas financeiras. Assim, salva-se a fazenda, temporariamente, e perde-se o gado.

O futuro mostrará o ridículo da atual situação...

A GRANDE FESTA

Todo pecuarista iniciante, ou dile-

tante, já principia como "selecionador", bastando obter animais com marca de registro. Essa inocente ilusão e mentira faz parte do tripé onde se apóia a pecuária nacional, principalmente zebuína. Essa "moda" é uma das grandes responsáveis pela atual situação, pois muitos criadores esqueceram-se de que "bom animal" é aquele que rende cifrões no abate e que confere essa rendosa característica aos descendentes. Há selecionadores demais no Brasil, todos preocupando-se com orelhas, chifres, vassouras, mas são poucos os que, seriamente, preocupam-se com o peso e rendimento desses milhares de descendentes de campeões de Exposições.

A bem da verdade, animal selecionado deveria pesar mais na balança e proporcionar uma descendência com mais peso. O registro, em última análise, é uma honraria que deveria ser concedida somente aos melhores que preencham todos os requisitos e não a todos os que preenchem os requisitos mínimos.

Chega o dia da Exposição! Antigamente tais festas pretendiam vender raça e qualidade, hoje tudo não passa de uma mistificação, com bois bem trajados, unhas feitas, sem qualquer teste de progênie, muitos sem controle de desenvolvimento ponderal, todos recém-saídos dos estábulos com farta ração.

E esses animais-vedetes entram nas

pistas de competição para disputar o título máximo. Um grande erro, que levou a Pecuária a uma triste situação: o boi de excelente aparência pode ser um péssimo raçador, permitindo obter apenas filhos medíocres!

As Exposições perderam seu sentido original, não sendo mais realizadas para os criadores e sim para uma meia-dúzia de mantenedores de uma "pecuária-distração", aqueles que importam finos exemplares de outras regiões engordam-nos à base de comidinhas artificiais e depois levam-nos para disputar o título máximo. O que está em jogo, nas pistas, não é mais a performance do animal, mas a vaidade do proprietário. Não será escolhido o melhor animal, mas qual a propriedade que melhor soube se "armar" para vencer o seu vizinho! Para o homem do campo, apenas uma pequena alternativa de obter algum dinheiro extra, indiretamente...

ATRÁS DOS BASTIDORES

1) O criador médio e pequeno não necessita de prêmios ou Exposições, mas os tecnocratas não permitem que ele não goste, por isso constroem um Parque em cada cidade brasileira, permitindo ao povo realizar uma semana de FESTA POLÍTICA por

ano, deixando o recinto abandonado por 355 dias.

Aliciado, o homem do campo deixa de procurar mais leite e mais carne e passa a cuidar das unhas, dos chifres e das orelhas do boi, visando ganhar uma taça, bandeja ou troféu. Ele deixa de se preocupar com a produção e fica ruminando os prêmios e a grande festa.

2) Enquanto isso, uma minoria barulhenta procura tirar partido das Exposições, exportando seus finíssimos reprodutores. Esses animais (que poderiam ficar no Brasil, pois há campo) despedem-se de sua terra natal e vão iniciar um grande trabalho em outras plagas. E, assim, num futuro próximo, países como a Venezuela, os Estados Unidos, o México e outros estarão em condições de exportar Zebu para o Brasil, porque a Pecuária — lá — é considerada como ponto principal para a alimentação do povo. Não se entende, também, porque as Entidades não formam outras minorias menos barulhentas para exportar nosso gado "médio" para os países africanos e outros países latino-americanos, com boa probabilidade de lucro. Afinal, há mercado para o gado com pedigree e também para o gado zebu sem tanto pedigree, mas também o melhor do mundo.

3) Há Parques à vontade, mas ninguém quer se preocupar ainda com a educação do homem rural, pois não há cristão que agüente ler um livro espe-



FAZENDA CARNAÚBA



TAPEROÁ

MANOEL DANTAS VILAR FILHO

Fones: 2213 e 2251

PARAIBA

GUZERÁ DE LINHAGEM LEITEIRA

A 6 Km de Taperoá, apenas 36 Km do asfalto, desde 1934, o rebanho da Carnaúba constitui uma tradição vinda de pai para filho.

Há 20 anos, o rebanho está sob o controle genealógico da ABCZ e a orientação é a mesma: "sem botar o gado no hotel", buscar maior produção de carne e leite, vacas precoces e resistentes e, porque não? com aquela imponência que só o GUZERÁ é que tem.

Na Carnaúba, 200 fêmeas PO e PC e mais um rebanho mestiço de Schwyz, Simental e Holandês, na outra Fazenda, permitem mostrar que mais de 40 anos na mesma direção são uma garantia da estabilidade racial do gado e de sua adaptação às mais difíceis condições tropicais.



TANGO-JA
7903
FARAÓ-D-25
7909
CLEÓPATRA
A-4813

Venha visitar-nos, moramos lá mesmo, cuidando do gado, com o olho do dono...

cializado, tal a incompetência dos escritores e técnicos que são peritos em fazer citações extravagantes de autores também extravagantes, em extensos relatórios e trabalhos que conseguem apenas valorizar os próprios salários no final do mês, que não chegam a produzir um quilo a mais de leite ou carne. Nós criamos Zebu e seguimos a didática de quem está criando brahman, ou jersey, ou qualquer outra coisa. Nossos técnicos ficam "encantados" com livros escritos em espanhol, inglês e alemão e nossas editoras desprezam os bons textos em português, preferindo traduzir e "adaptar" os estrangeiros, melhor seria dizer querendo adaptar o rebanho nacional aos resultados e métodos de criação de outras raças, numa prova de infantilidade sem par.

ALIMENTO DE BOI É CONVERSA

Toda discussão sobre Pecuária é uma grande farsa, porque pecuária extensiva, a nível nacional, ainda é utopia. Na verdade, a média do rebanho brasileiro passa fome (?), não obtendo o rendimento ideal. Não porque possa estar faltando capim nessa terra-abençoada-por-Deus, mas porque são poucos os que sabem aquilatar a alimentação necessária para o rebanho. Os técnicos, após algumas experiências super-adubadas, espalham seus conhecimentos a todo o Brasil, esquecendo que farelo-de-trigo não existe no Nordeste, que palma forrageira não existe em São Paulo, mas cada qual como um sacerdote supremo determina a "milagrosa" alimentação do gado.

O Zebu produz tanta carne como qualquer gado europeu, mas o próprio Governo incentiva a importação do europeu, ao invés de permitir que os criadores "alimentem", adequadamente, o seu Zebu, já consagrado, podendo atingir 1.200 quilos.

O europeu, esse privilegiado (como outrora o foi o Zebu) chega e vai para o refeitório, com "ar-condicionado", quitutes finos, enquanto o Zebu sofre a sorte do antigo caracu e nordestino pé-duro, comendo capim seco, sob o rigor do sol, fazendo parte da paisagem, não merecendo sequer o aconchego de um estábulo!

Como tudo indica que o que se discute, na realidade, não é boi, mas sim a auto-afirmação de alguns técnicos, podemos supor que, em breve, o europeu (depois de arrasar o Zebu) terá o mesmo tratamento, ou seja, será lançado às traças.

Então uma nova "moda" será inventada e os criadores brasileiros, nos-

so netos, estarão introduzindo iaques, lhamas, cervos, dromedários, bisões, provando, assim, que criação de gado é modismo e não produção de alimentos. Nada mais que uma simples ferramenta para equilibrar a Balança de Pagamentos, quando necessário, ou estabelecer um maior intercâmbio com o Exterior.

Nenhuma medida eficaz foi tomada para definir o verde dos campos. De que adianta pregar teorias de produção de carne e melhoramento genético, se não houver comida para o gado?

CAPIM DO PARAÍSO

Os técnicos estão se transformando em Mestres de Alquimia! Fazem testes em terrenos hiper-adubados para conseguir uma vegetação que dure o ano todo, em qualquer estação, em qualquer tipo de solo, com alto rendimento, palatável em qualquer condição, além de ser altamente nutritiva! Um milagre! Enquanto não descobrem, vão gastando o dinheiro oficial e lançando novas modas, envolvidas em névoas misteriosas: grama missioneira, quicúio, rhodes, capim guatemala, capim napier, cudzu, centrosema, soja perene, bermudas, pangolinha, pangolão, stylosanthes, siratro, green-panic, estrela-africana, brachiaria, galactia, além da grande encenação nacional chamada leguminosa (nenhum organismo ou técnico chegou a uma conclusão razoável sobre leguminosa no Brasil, no entanto, vendem-se sementes milagrosas por todo o País!)

Enquanto isso, o colômbio, o jaraquá e o gordura nascem, em todas as regiões, nativamente. Uma comissão de criadores nordestinos viajaram até o sul para aprender que as leguminosas que eles estavam arrancando como ervas-daninhas (orientado pelos técnicos) eram, na realidade, excelente refeição para o gado e já estavam quase aprovadas nos cultivos da Embrapa (?).

Ou a Pecuária acaba com a moda (levando um bocão de técnicos na enxurrada), ou então a moda acaba mesmo com o rebanho brasileiro! Não se muda a vegetação de uma região sem a devida punição, por parte da Natureza e, no final, quem acaba pagando é o gado... e o produtor rural.

COMPUTADOR NOS PASTOS

Para dar continuidade à fantasia e

ao grande festival da Pecuária Nacional, os mentores do sistema classista resolveram controlar todos os passos do rebanho brasileiro por meio de computadores, gerando — assim — mais complicação, transformando a Pecuária numa espécie de cabaia, onde basta apertar um botão e se obtém um lindo garrote, ou então basta estudar digitalmente a conjunção astrológica para se verificar em que dia haverá incidência de aftosa!

As pesquisas, que não eram realizadas, por incúria, agora serão substituídas por pesquisas eletrônicas — que continuarão não resolvendo nada, mas que terão tornado mais rico o cartel dos computadores.

Se os problemas simples como Controle do Desenvolvimento Ponderal, Distribuição Geográfica por Raças, Controle Leiteiro, etc. não foram solucionados na base da simples aritmética e bom-senso, como o poderá ser com um computador? Construíram a canoa, mas esqueceram de fazer o rio.

Não há dúvida de que a computação é peça obrigatória no controle nacional do rebanho, mas muitas coisas devem ser realizadas antes, com o esforço dos braços brasileiros, e não com os dígitos da IBM. Há necessidade de cérebros pensantes e braços trabalhadores e não de cérebros eletrônicos. Resta o consolo de saber que, talvez, a tecnoparasitocracia venha a acreditar na linguagem digital e cesse (um milagre!) o processo que sempre resulta em malignas importações de carne. Eles podem acabar se entendendo!

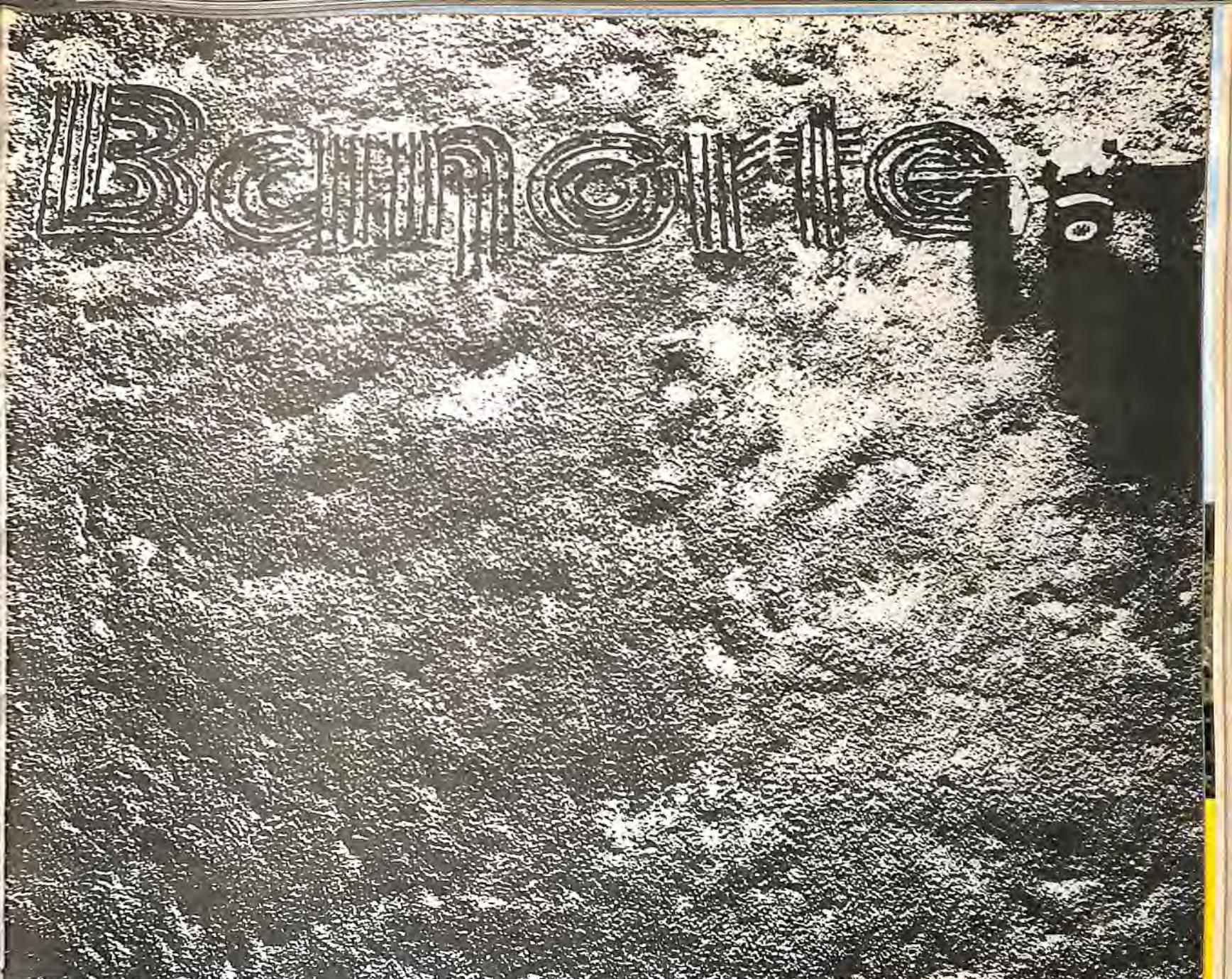
Em Uberaba, após a apresentação dos primeiros trabalhos realizados, confessou-se que a "amostragem" não tinha sido devidamente suficiente, pois diversos Estados não forneceram os dados solicitados (partindo daí, conclui-se que a implantação de computador parece aquele pecuarista, dono de laticínio que, querendo aumentar o seu leite, comprou mil vacas nelore!)

Final, computador é uma locomotiva para o sistema, restando agora adquirir apenas os trilhos, as estações, as pontes, etc. Mas locomotiva no quintal dá status!

BOI DE RETRATO

Em 1977, havia no Brasil, 85 Centrais de Inseminação, salvo as particulares, provocando um verdadeiro "derame" de sêmen de Zebu, indiscriminadamente.

O criador, baseado nos resultados das centenas de Exposições, escolhe o boi mais premiado para dirigir o desti-



Banorte

Um campo fértil para você cultivar.

Tratores. Adubos. Caminhões.
Sementes. Ferramentas. Matrizes.
Reprodutores. Máquinas.
Inseticidas. Motores e Implementos
Agrícolas. Pecuária de Corte e Leite.
Comercialização Agrícola, Avícola
e Pecuária.

O Banorte sabe que, para o bom
andamento de seus negócios,
financiamento é tão importante

quanto bom tempo.

Por isso, o Banorte está lhe
oferecendo uma terra boa, forte
e generosa para você plantar
seus pedidos de financiamento.
O Crédito Rural Banorte.

Banorte

Um amigo na praça

no de seu rebanho. Compra sêmen, analisando apenas o retrato do boi, pois testes de fertilidade, ipoplasia, prognatismo e outros, deveriam ser mais rigorosos, além de tais touros-de-retrato não terem sido testados em rebanhos visando dar garantia sobre a progênie.

Hoje, cada criador bem intencionado perde-se na multidão de retratos de touros e, pior, perde anos e anos, procurando um animal que realmente atenda às necessidades de seu rebanho, porque retrato não consegue garantir progênie.

Por outro lado, grande parte de fazendas ufanam-se de ter vaqueiros vestidos de branco, com um botijão de sêmen e muitas ampolas utilizadas, luvas de borracha e todo um arsenal de vaidade, embora não tenha muita certeza sobre os resultados da inseminação artificial. Nesse caso, é o status quem dirige a propriedade e, mais uma vez, o retrato de algum boi milagroso.

tinham um gado nativo e o trocaram por brahman, mas ele não deu certo. Então, importaram gado europeu que não suportou as condições climáticas. Resolveram testar o zebu, para melhorar a "mistura" que já havia se formado na região. E agora, estão querendo mais, por se tratar de gado já naturalizado e rústico, ideal para as Américas (somente alguns técnicos brasileiros continuam achando que não!)

Aqui havia um tipo de gado nativo que foi trocado por Zebu, e deu certo! Então, resolveram destronar o Zebu em favor de gado alienígena das mais diversas procedências e se gerou uma grande mistura. A América Central está abandonando o europeu para ficar com nosso Zebu, enquanto nós estamos fazendo o inverso. Grande parafernália!

Depois de considerar a aveia, alfafa, médicos ao pé do cocho, sombra e água fresca, banhos carrapaticidas diários e tudo o mais, muita gente ainda continua confundindo "naturalização" com "adaptação", mesmo vendo o ga-

do europeu definhando, em muitas regiões.

O Brasil, vasta Nação, tem condições de receber Zebu, europeu, cervos, dromedários, pois até pinguim existe, ao ar-livre, em São Paulo. Mas os cate-dráticos da matemática ministerial deveriam colocar limousin, fleck-vieh, charolês e outras raças alienígenas onde de direito e permitir nas regiões tropicais apenas gado tropical, dando chance à sensatez e bom senso.

Ou haverá, realmente, uma Ciência Oculta que, de tão oculta, foge ao entendimento de nós leigos, ficando inteligível apenas a alguns privilegiados e inocentes líderes de vastas organizações internacionais, cuja estratégia seria manter no Brasil esse clima de "balança-mas-não cai", enquanto vão montando, na surdina, um alicerce subterrâneo que só virá à tona num futuro próximo, ocasião em que a Pecuária não será mais brasileira, mas sim um sub-produto das mesmas? Repetindo Colombo: "aqui, tudo se plan-tando, dá"

FINAL FELIZ!

Alguns países da América Central

LEIA!

Em nossa próxima
EDIÇÃO-NACIONAL DE GUZERÁ - 78
SETEMBRO

- o **SUGESTÃO PARA O NELORE DO FUTURO** - Santo Lunardelli publica uma pesquisa revolucionária.
- o **MINISTÉRIO DA PECUÁRIA** - Gugé Ferraz tentando promover nossa pecuária a seu devido lugar.
- o **RUSTICIDADE, FATO E BOATO** - Antônio Ernesto de Salvo falando sobre o Guzerá.
- o **OS MAIORES CRIADORES DE GUZERÁ DO NORDESTE.**

- o **COMO MUDAR A POLÍTICA AGRÁRIA** - Humberto de Freitas
- o **O GUZERÁ COMO PRODUTOR DE LEITE** - Resende Peres.
- o **AS CABRAS DO CARIRI** - Ariano Suassuna, um nome internacionalmente conhecido falando sobre agropecuária.
- o **E O BRASIL, COMO VAI?** - uma análise sobre o recenseamento de 1975, na agropecuária.
- o **PARAÍBA, UMA QUESTÃO DE VISÃO GLOBAL** - Fernando Cunha Lima mostra o que precisa e poderia ser feito, urgentemente.
- o **O GADO NELORE** - Um trabalho inédito no Brasil, escrito em fins de 1800, na Índia, mostrando como era o Nelore naquela época.

e muitos outros assuntos do maior interesse para o crescimento da agropecuária.

**RESERVE O SEU EXEMPLAR OU
FAÇA UMA ASSINATURA.**

PALPITE DE MINEIRO

HUGO PRATA, dotado de visão crítica prodigiosa, linguajar jornalístico dos mais audaciosos, defende ardorosamente a implantação de medidas mais conscienciosas, que permitiriam diminuir os perniciosos efeitos do grandioso "festival" que ora é a tônica dominante. Acha que há muita fantasia na moderna agropecuária nacional, o que nunca poderá levar a um seguro futuro.



É um absurdo fazer como os Estados Unidos, gastando 6 quilos de proteína vegetal para produzir 1 quilo de proteína animal, luxo e desperdício.

Em 1973, milhares de pessoas morreram de fome no Sahel, enquanto gastaram-se 400 milhões de toneladas de cereais para alimentar gado. Embora a moda (com plena aceitação pelo Ministério da Agricultura)

seja importar Maine Anjou, Fleckvieh, Gelvieth, Chianina, Marchigiana e outros bichos, já ficou mais que provado que bovino brasileiro é o Zebu.

Infelizmente temos, além dos criadores de gado, os consumidores, aqueles que frequentam exposições e compram embalagens, gado europeu.

Consumem e são consumidos, pois logo o gado degenera e não fica nem a sombra. É preferível ser um bom criador de bode, que um consumidor de modismos que a nada levam.

O Brasil é um país de dimensões continentais, possuindo, naturalmente, os mais diferentes tipos de clima, solos e costumes. É assim completamente impossível generalizar normas, impondo técnicas e conceitos de criação, que sejam comuns ao gaúcho, ao mineiro e ao paraibano, por exemplo. Cada região possui sua ecologia própria impondo, ditatorialmente, o que deve ser plantado e o que deve ser criado. Cada região deve descobrir e desenvolver, pela experimentação, sua tecnologia agrícola própria, sem preocupação de imitar o que se faz em outros países.

Assim é difícil a nós, mineiro, trabalhando em São Paulo, querer aconselhar o que deve ser feito no Nordeste. Deve existir muita gente mais capacitada do que nós para fazê-lo. Gente que conhece bem o clima, os solos e as pastagens da região.

Pretendemos apenas bater um papo amigável, conversar sobre generalidades, sem pretensões a doutrinar e a ensinar o que deve ser feito.

Acreditamos que é na agricultura e na pecuária que reside o futuro de nosso país. Dificilmente atingiremos o alto nível industrial de outros países desenvolvidos e que, por não possuírem áreas em disponibilidade, abandonaram o cultivo da terra e a criação de animais. Além do mais o aumento desordenado e quase incontrolável da população mundial, quase 80 milhões de indivíduos por ano, exige um crescimento sobrehumano de nossas fontes de produção de alimentos. No Brasil

mal conseguimos produzir o suficiente para alimentar o nosso povo. Prova disto é que neste ano estamos importando carne, e importaremos até mesmo milho!!

Temos ainda muita terra inexplorada, com um enorme potencial de produção de matéria verde, possibilitando a formação do maior rebanho bovino do mundo. E, alimentar um rebanho com pasto ainda é a maneira mais econômica de fazê-lo. Dentro em breve será impossível alimentar animais à base de cereais, produtos indispensáveis à alimentação de povos subdesenvolvidos. É um absurdo países como os EUA gastarem 6 quilos de proteína vegetal para produzirem 1 quilo de proteína animal. É um luxo e um desperdício. É um absurdo que 30% dos peixes capturados no mundo sejam convertidos em farinha para alimentação de animais. É inacreditável que países industrializados cheguem a consumir quase uma tonelada de cereais por habitante por ano, 90% dos quais, destinados à alimentação do gado produtor de carne. No inverno de 1973 milhares de pessoas morreram de fome no Sahel porque faltaram 400.000 toneladas de alimentos. Neste mesmo ano foram gastos na alimentação de bovinos, suínos e aves, 400 milhões de toneladas de cereais. 1000 vezes mais o que faltou ao Sahel.

A verdade é uma só, ou seja, alimento para bovinos deve ser pasto.

O consumo de carne aumenta com o desenvolvimento dos povos. O trabalhador braçal necessita de uma alimen-

tação mais rica em hidratos de carbono. O homem moderno utiliza mais o cérebro do que os músculos, exigindo uma alimentação mais rica em proteína animal. Requer, por conseguinte, carne, leite, ovos, e pescado.

A carne bovina desfruta de uma situação privilegiada. Não é de consumo monótono podendo entrar diariamente em nossa dieta alimentar. Além do mais, o alimento básico dos bovinos pode ser o pasto. Suínos e aves, conforme já mostramos, alimentam-se de grãos como milho, soja, etc, concorrendo com o homem no consumo destes cereais.

Somos no entanto um país tropical. Nossas forragens são grosseiras e pobres em proteína. Nosso clima é hostil e temos a presença maléfica e atuante do berne, do carrapato e dos vermes intestinais. A febre aftosa é uma constante e da maneira como é combatida não será erradicada de nosso país.

Dificilmente animais de origem

Temos muitos consumidores de gado, aqueles que somente frequentam Exposições...





européia, puros, resistem e apresentam produções econômicas, quando criados extensivamente e em condições normais nos trópicos. O forte calor e a brucelose diminuem sua fertilidade. O carrapato transmite-lhe a anaplasmose e piroplasmose. O berne não o deixa quieto e a aftosa mina sua resistência. A degeneração é rápida.

Prova disto é que embora tenhamos importado pouco mais de 5000 bovinos da Índia, hoje possuímos mais de 80 milhões de cabeças de descendentes destes animais. Embora a importação de gado europeu seja anual e constante, o número de seus descendentes não cresceu com a mesma velocidade.

A não ser nas regiões sulinas e em alguns microclimas regionais o gado europeu não consegue ser criado economicamente.

Muita gente ao ler isto vai dizer: "este cara escreve o que todo mundo já sabe". Certo. Concordo que todos estes princípios são acácianos. São velhos, conhecidos e repisados. Mas eu acrescento: "e desrespeitados".

O zebu já provou, sozinho, sem

nenhuma ajuda oficial, que é o bovino ideal para a faixa intertropical brasileira. Mesmo assim continuamos a importar gado europeu. Deixamos de lado, porém, o Hereford, Shorthorn e Angus. A moda agora é o Maine Anjou, Fleckvieth, Gelvieth, Chianina, Marchigiana, e outros bichos.

Nosso Ministério da Agricultura assiste passivo e indolente a esta constante perda de divisas. Não mantém nenhuma fazenda experimental que se dedique verdadeiramente ao melhoramento do zebu. Mas facilita a importação de gado holandês do Canadá, Argentina, Uruguai e Suécia, que é espalhado desde Mato Grosso até o Nordeste.

Em nosso país temos ótimos criadores. Mas também temos os consumidores de gado. Gente que freqüente exposição e embala-se com as apregoadas virtudes do gado europeu e, esquecendo-se que moramos num país tropical, compra lotes de animais, que, em pouco tempo, desaparecem em suas mãos. Consoem e são consumidos.

Na década de 60 importamos diversos lotes da raça Romagnola da Itália, que desapareceram completamente sem deixar rastros. Nenhum conseguiu pelo menos sobreviver em nossas condições.

Fica aqui meu conselho aos amigos do Nordeste. Não se deixem iludir pela propaganda dos importadores de novas raças. Não adquiram as sementes das miraculosas forrageiras que continuamente aparecem: Capim Makueni, Gallactia, etc, tudo isto é poesia.

Observem suas condições de criação vejam o que se faz ao seu lado e tirem suas conclusões. Não abandonem suas forrageiras nativas. Procurem melhorá-las com um manejo adequado, e adubações, se possível. O zebu parece ser o animal ideal para o Nordeste. Mas, se o tamanho de sua propriedade e seu clima, suas pastagens e seu solo, somente permitirem a criação de bodes, criem bodes, mas sejam os melhores criadores de bodes do país. Não se iludam com a beleza dos animais de clima temperado. Sejam sempre criadores e nunca consumidores.

UMA QUESTÃO DE CORAGEM

Assine **PARAÍBA PECUÁRIA** por **UM** ano, meio ano, ou adquiro cada número separadamente

Envie sua **AUTORIZAÇÃO** para receber imediatamente a edição n. 6

PARAÍBA PECUÁRIA

TRAZ A PALAVRA CORAJOSA DOS CRIADORES, TÉCNICOS E AUTORIDADES, ABRINDO UM DIÁLOGO NACIONAL A FAVOR DA AGROPECUÁRIA.

TODAS AS PESSOAS QUE TÊM SE DESTACADO COM SEU TRABALHO, ESTÃO SENDO CONVIDADAS PARA PARTICIPAR DESSE DIÁLOGO, JUNTANDO-SE A

Santo Lunardelli (São Paulo), V. Coronado (Paraíba), Antônio Ernesto de Salvo (Minas), José Resende Peres (Rio), Eurípedes de Oliveira (Paraíba), William Koury (São Paulo), Fidélis Alves Neto (São Paulo), José Ferraz de O. Gugé (Bahia), Manoel Dantas Vilar Filho (Paraíba), Clóvis de Vasconcelos (Pernambuco), Arnaldo Rosa Prata (Minas), Ariano Suassuna (Pernambuco) Paulo Viana (Brasília), Hugo Prata (Minas), Sinal Palmeiras (Bahia) e Tito Victor (Paraíba).

FAÇA SUA ASSINATURA e participe!

Recorte esse cupom e receba a edição n. 6, em sua casa

Desejo receber **PARAÍBA PECUÁRIA** no endereço abaixo indicado, pelo Correio., sendo que estou efetuando o pagamento do valor indicado, a favor de **EDICAMP - Editora Campesina Ltda, situada à Rua Duque de Caxias, 591 - 2. and, Conjunto 208 - João Pessoa - PB - CEP 58.000 - Caixa Postal 98**

Estou enviando vale postal

Cheque

Um ano = Cr\$ 200,00

Meio ano = Cr\$ 120,00

Apenas **UM** exemplar = Cr\$ 40,00

Nome:

Endereço:

Caixa Postal:

- (Cidade:
- Criador de gado de raça
 - Criador de gado de corte
 - Criador de gado de leite
 - Técnico
 - Estudante
 - Fornecedor
 - Entidade
 - Órgão Oficial

CARNE - TRISTE EPÍLOGO DE UMA POLÍTICA

JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA GUGÉ batalhador de longa data, escreve para jornais e expõe sua opinião, agressivamente, chegando a acusar gregos e troianos responsáveis pela deficiência da agropecuária nacional. Considerado emérito defensor da pecuária bahiana, foi agraciado com a criação do "Troféu Dr. Gugé" que é concedido, anualmente, ao melhor expositor de Itapetinga. Acredita que os pecuaristas precisam deixar a posição de meros espectadores e passar para a contestação, para o ataque, antes que seja demasiado tarde.



"Mais triste do que morrer de fome no deserto é não ter o que comer na terra de Canaã."

(JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA)

O capital, que deveria ser empregado na pecuária, tem o estímulo e garantia oficial de um rendimento três vezes superior ao ser aplicado em "papéis", além disso, quem continua insistindo, arriscando seus minguados recursos, produzindo alimentos e riquezas, sofre uma série de pressões, enquanto os ociosos recebem beijos, abraços e cafezinho bajulador dos Bancos e financeiras. A incoerência é tanta que a justiça caolha proíbe a importação de gêneros industriais com similares nacionais, mas promove cabulosas importações de carne e leite o que, inegavelmente, poderá desequilibrar a marcha do País. A politicalha poderá levar ao precipício...

É o Brasil, afinal, um País exportador ou importador de carne? Com base em sua política pecuária, responderíamos explicando: já foi exportador de sua produção; atualmente "exporta" carne importada; e, em breve, será um obscuro importador, complexado por perder o "status" internacional de produtor e retroceder à incapacidade de auto-bastecer-se.

Lamentamos, mas é verdade: estamos importando carne (pouca, por falta de recursos) e iniciando um certo

Dúbia, irrealista, medrosa e fugidia da verdade; mais tagarela do que sisuda, preocupada, antes em agradar do que em promover reais benefícios, nossa tradicional política da carne cometeu erros de tal ordem, que provocou desgastes irreparáveis no setor produtivo da pecuária brasileira. Tão grandes, que suas conseqüências exigirão profundas modificações na estrutura funcional da política econômica do País, ao serem realizados os reparos que a Nação vai exigir.

O problema da carne não é um mero "tigre de papel", como alguns que andam por aí, fazendo assombração e amedrontando governos, mais à custa de charangas promocionais, até de origem estrangeira e cinho internacional, do que de essência real, que não possuem. Ele, ao contrário, faz estardalhaços, mas tem importância muitíssimo alta na vida nacional: a carne bovina é o alimento básico de nossa população, sem outra alternativa, a curto prazo, para sua dieta protéica; é fator de ponderabilidade crescente em nossas buscas de divisas; é alta fonte de renda na tributação interna, além de ser elemento fundamental no equilíbrio de vida das populações rurais que, por mais "agrícolas" que sejam, não aceitarão o campo sem a pecuária.

Só isto dá para mostrar o tamanho do "iceberg" com que brincam os timoneiros do frágil braço de nossa economia.

A economia, como ciência, não tem nenhuma dimensão moral; mas a política econômica, como toda política, é essencialmente moral. Sob este prisma, as autoridades financeiras invertem valores e pecam gravemente, quando favorecem o investimento ocioso de capital e castigam sua aplicação diretamente produtiva. Esta anomalia é mais acentuada na pecuária; quem investe, por exemplo, dez milhões de cruzeiros na produção de bezerros de corte (fazenda de 1.200/1.500 hectares, 1.000 vacas, 30 reprodutores e 20 animais de serviço) obtém, no máximo, uma receita anual de 800/900 mil cruzeiros, sujeita a muitas despesas e árduos trabalhos, sem jamais alcançar o equilíbrio financeiro para a empresa, em decorrência das restrições impostas ao livre comércio da carne e do leite.

Esse mesmo capital, aplicado em "papéis" de renda, estimulado pela garantia oficial, proporcionará rentabilidade anual três vezes, no mínimo, superior àquela, sem qualquer risco, sem trabalho, sem despesas e com a agravante de não contribuir, diretamente. Os ociosos ganham abraços e cafezinho nas financeiras, mas o produtor rural somente faz arriscar...



A Política plantou o vento, e o produtor sozinho está colhendo a tempestade...

racionamento, misto de voluntário (preços altos) e obrigatório (imposição oficial, para deter a extinção do rebanho remanescente).

Culpa do produtor é que não existe nesse episódio. Todos irão colher a tempestade: mas quem plantou o vento foi a política da carne.





mente, para ampliação da riqueza nacional.

Só quem arrisca o capital, trabalha, produz riquezas e gera empregos, sofre sanções. O ocioso, não; para este são beijos, abraços e o cafezinho bajulador das empresas financeiras.

Sobre outros setores, atendendo ao conselho de Apelles, silenciámos. Mas, no que diz respeito ao campo, somos obrigados a mostrar os erros, condenando a total desruralização da economia na faixa pecuária.

Os preços de todos os produtos, exceto carne e leite, vêm acompanhando a espiral inflacionária nos últimos anos, com franco apoio oficial para os industrializados e exigência direta dos governos para os de origem estatal ou paraestatal.

Entretanto, a partir de novembro de 1973, com o célebre tabelamento da carne, autorizado pelo então Ministro da Fazenda, a pecuária tem sido

vítima das mais incoerentes pressões negativas; tabelamentos, importações inexplicáveis, financiamentos tendenciosamente inadequados, burla na chamada assistência técnica, etc.

A mesma justiça caolha que classifica de crime a importação de similares da indústria, promove cabulosas importações de produtos pecuários (carne e leite, especialmente), aviltando ainda mais os preços do produto nacional, já insuficientes, em decorrência dos altos custos gerados pela má condução de nossa economia.

Pode um País, com as peculiaridades e dimensões rurais do Brasil, suportar tal orientação sem desequilibrar sua marcha?

A pecuária já entrou numa conjuntura muito delicada e perigosa que, por isso mesmo, exige total conhecimento do assunto e muito cuidado no encaminhamento da solução que lhe seja mais adequada. Imperícia e levi-

andade no seu trato poderão causar o tropeço fatal ou pelo menos, dificultar ainda mais a superação do mal.

Os responsáveis pelo setor, no Governo, não se devem arriscar a manobras superficiais, improvisadas, sem a devida atenção exigida pela realidade.

Formular soluções hipotéticas, dentro de gabinetes, fundamentadas no que deveria ser e não na realidade que é, tem sido a principal causa de insucessos na imatura tecnocracia engajada em nossos governos.

As autoridades maiores do País devem estabelecer uma pausa na efervescência da política (com P minúsculo, para não dizer politicalha) e meditar com mais atenção sobre o problema pecuário. Ele parece estar sendo minimizado, como uma roda apenas em uma composição ferroviária. Mas é conveniente lembrar-se que seu descarrilamento poderá levar todo o comboio ao precipício.

COMPRE QUALIDADE PLANTE COM ADUBOS IPIRANGA



 ADUBOS
IPIRANGA
AGROFÉRTIL S.A.

O FIM DAS PALAVRAS OCAS

(A Agropecuária no banco dos réus)

ARNALDO ROSA PRATA, presidente da ABCZ-Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, conseguiu imprimir à Entidade uma velocidade ímpar, reativando muitos de seus membros. Um grande batalhador além-mar, levando o Zebu até dezenas de países, mostrando um gado de alta performance, ideal para implantação na América Latina, América Central, África e revigoramento de sangue do Brahman e raças européias, consolidou-se como um dos grandes nomes da pecuária brasileira.



"É muito estranho que, na hora em que se torna necessário mostrar ao povo um culpado, ele — o responsável pela inflação — tem que ser sempre o sofrido produtor rural. E sem advogado, o homem da terra, como por um passe de mágica, insiste em continuar produzindo, mesmo sabendo que não haverá retorno de seu investimento".

A ABCZ começa a utilizar um linguajar mais forte, permitindo prever uma tomada de posição e uma nova orientação, saindo da teorização estática para atitudes mais dinâmicas e realistas, porque o panorama brasileiro assim o exige. Assistiremos a falta de bovinos, a especulação desenfreada, sucessivas e ilusórias importações de carne e tudo isso exige medidas urgentes, uma tomada de posição, para acabar com a imagem de que "atividade agrícola é uma aventura, e nada mais." O texto foi pronunciado por ocasião da abertura da Expo-Uberaba-1978, na presença do Ministro da Agricultura.

Era uma vez um menino que andava brincando na neve, vestido apenas com um calção curto e uma camisa reta. Passando por ali, o rei mandou parar a sua carruagem e perguntou ao menino se não tinha frio. A resposta foi:

— Se Vossa Majestade fizesse como eu, também não teria frio.

— E o que fazes tu para não ter frio? — perguntou o rei.

— Trago vestida toda a roupa que tenho — respondeu o menino.

Os milhões de brasileiros que passam a vida debruçados sobre a terra, praticando a chamada "arte de empobrecer alegremente", têm algo de menino brincando na neve.

A verdade do campo não se vê do asfalto. Tal como o rei foi embora com a ilusória impressão de que Deus dá o frio conforme a roupa, quem pas-

As palavras ocas produzem o descalabro na zona rural...

sa pela estrada pensa que dona Felicidade mora na casa do produtor agrícola. E a política agrícola parece por vezes orientada no sentido desse equívoco.

Quando, por exemplo, se torna conveniente ou necessário apontar à execução pública um culpado pelo galopar da inflação, o pobre produtor agrícola aí está, para servir de réu, sem advogado que o defenda no cenário onde são tomadas as decisões fundamentais.

Cansados de perseguir o dragão da inflação, que sobrevive escondido em covis inacessíveis, nos preocupando a todos, os nossos economistas descansam afinal sobre uma conclusão definitiva: o dragão mora na casa do agricultor.

Trata-se de uma formulação simplista, que nos cumpre repudiar.

Na realidade, o problema deve ser

colocado de outro modo. O que acontece é que impomos à nossa sociedade de produção o mandamento de produzir mais, para abastecer uma sociedade de consumo de baixo poder aquisitivo.

Se o Brasil fosse um país totalmente desenvolvido, em que o crescimento só pudesse resultar de espaço marginal gerado pela melhoria do que já existe, as economias de escala da produção, conjugadas com o alto poder aquisitivo do mercado, nos ajudaria a produzir a preços convenientes.

O que, porém, acontece, é que somos um arquipélago de Brasis. Há Brasil desenvolvido e Brasil sub-desenvolvido. Há Brasil ocupado e Brasil à espera de ocupação. Há Brasil dotado de infra-estrutura de transporte e Brasil ainda sem vias de comunicação. Há Brasil perto e longe dos grandes centros populacionais. Há Brasil das secas e Brasil das inundações.

Mas os custos e os riscos da ocupação resultam altos. O pioneirismo é dispendioso. Os custos da produção resultam incompatíveis com o baixo poder de aquisição da nossa sociedade

Temos muitos Brasis diferentes...





de consumo.

Há duas soluções para o problema: ampliar o mercado interno, à custa de aumento do poder aquisitivo do consumidor; ou proporcionar ao produtor os necessários meios para que o custo de produção resulte compatível com o poder de compra. **Fechar os olhos não evita que o sol continue existindo.**

Por outro lado, nossa condição de arquipélago de zonas desenvolvidas e espaços economicamente vazios, não comporta medidas genéricas no plano da política econômica, que sempre geram reversões desastrosas na produção.

Produzir não é esporte que possa ser praticado sem retorno. O produtor investe o seu patrimônio em cada plantio e em cada rebanho. Se perde o investimento, fica sem condições de sobrevivência. Não pode, por conseguinte, investir em bezerro sem preço, ou em plantio de cebola sem mercado na época da colheita.

Este é um imperativo econômico que, quando obedecido, pode levar à falta de alimentos no mercado; quando desobedecido, gera um clima de frustração, que arrasta uns a tomar atitudes de impensada revolta e outros a buscar, de chapéu na mão, recursos para sobreviver.

Se há um meio de compatibilizar as duas metades da nossa realidade nacional, no que se refere ao setor primário — produção a custo elevado, para uma

sociedade de consumo sem poder aquisitivo — há que buscá-lo no equationamento dos dados reais do problema, sem subterfúgios nem expedientes hábeis de circunstância. Há que formular uma política de produção em bases lúcidas e pragmáticas, de pés no chão.

A nós nos parece que ela não foi ainda formulada, porque no setor primário falta força política. Seus problemas são muitas vezes resolvidos em função de valores outros que os da política de produção. A ordenação da escala das prioridades nacionais é feita em obediência a critérios macro-econômicos, dentro dos quais podem caber, e cabem, paradoxos como não assegurar preços compensadores à lavoura, gerando futura falta de alimentos no mercado e levando à necessidade de importar aquilo que nós próprios poderíamos ter produzidos.

Quando dizemos que falta força política, não estamos nos referindo a falta ou desinteresse de senadores e deputados. Não nos referimos à atuação de governadores, de associações de classe ou partidos políticos. Estamos nos referindo à própria estrutura do Poder, que não situa os órgãos orientadores da política de produção a nível de poderem respaldar com eficácia as conclusões a que chegam, e as medidas que consideram oportunas, mas que outros valores macro-econômicos desaconselham ou vetam.

Com todo o respeito que devemos,

com o frio, talvez as coisas se ajeitassem.

e prestamos, a quem tenha por função ordenar superiormente a escala dos valores e das prioridades nacionais, não podemos deixar de dar testemunho dos desajustes e das contradições que nos atingem no setor primário, onde somos objetivos por necessidade, e pragmáticos por princípio.

Não podemos, por exemplo, compreender a ausência do voto do Ministro da Agricultura no Conselho Monetário Nacional.

Esta carência de poder político do setor primário da economia nos traz arrependimentos e nos leva a temer pelo arrefecimento do entusiasmo dos agricultores e criadores que em 1977 guindaram o Brasil à posição de segundo produtor mundial de alimentos. Não seria agradável a perspectiva de não sermos capazes de ultrapassar, ou pelo menos manter, a posição conquistada.

Talvez alguém estranhe a clareza destas palavras, num mundo e num tempo dominado pela filosofia cínica de que a palavra foi dada ao homem para encobrir o seu pensamento. Mas, com a franqueza dos homens temperados na nudeza das lides do campo, não poderíamos deixar de reafirmar o princípio e seguir a tradição da ABCZ: criar, não um festival de palavras ocas, mas uma oportunidade para refletirmos sobre a realidade.

E hoje se encontram pessoas tão profundamente conhecedoras dos problemas econômicos do setor primário, que seria ofensivo obrigá-las a escutar palavras sem conteúdo. Quem sabe algumas delas, especialmente Sua Excelência o Governador de Minas Gerais, Aureliano Chaves, no futuro terá oportunidade de sensibilizar as esferas administrativas no sentido de se encontrar uma solução concreta para o dilema nacional que hoje nos aflige, e alguém terá que resolver: uma sociedade de consumo sem poder aquisitivo; a uma sociedade de produção, obediente ao mandamento de produzir mais, mas sujeita à estreiteza e à instabilidade de um mercado, que faz da atividade agrícola uma aventura.

Voltando à fábula do menino que brincava na neve:

Hoje, não se pode mais ter a ilusão de que Deus dá o frio conforme a roupa. O nosso tempo considera que talvez Deus fosse mais justo, se distribuisse a roupa conforme o frio. E só cada menino é que sabe o frio que tem ...



Se Deus fosse distribuir a roupa de acordo

PANORAMA

PAULINELLI PEDE NOVOS PREÇOS MÍNIMOS

O Brasil já perdeu um terço da produção de grãos do Centro Sul, disse Alysso Paulinelli, e o produtor que vive da atividade está totalmente descapitalizado.

"O Governo terá que ter coragem, porque os alimentos básicos, se não forem estimulados agora, provocarão inflação com a escassez".

E sobre os demais produtos, o País deverá optar sobre qual será o mais exportado, dessa vez.

"Em algumas regiões, a safra de arroz teve uma quebra de até 90% e se não for estimulado a plantar a mesma área, os produtores passarão para a pecuária de corte, porque — apesar dos problemas — ainda é uma remuneração segura."

RAIVA BOVINA ATACA REBANHOS

São em número de 510 as reses que já morreram no Rio Grande do Sul, em consequência de 94 focos de raiva bovina, constatados em 21 municípios, o que vem agravar a pecuária gaúcha já seriamente prejudicada pelas geadas e pela seca de quase seis meses, e que ameaça aumentar a taxa de mortalidade do rebanho bovino pela fome.

Confirma-se que em 1977, morreram 473 animais.

IMPORTAÇÃO NÃO PREJUDICA OS PECUARISTAS

Os Estados Unidos vai importar, até o final do ano, 657.720 toneladas de carne fresca.

Segundo a Sra. Esther Peterson, assessora de Assuntos do Consumidor da Casa Branca, os preços da carne não vão cair em consequência da medida, pois essas importações representam apenas 8% do consumo do País.

Alguns pecuaristas e seus representantes no Congresso afirmaram que as importações não traz, realmente, oscilação nos preços e nenhum prejuízo para os produtores.

O POVO COME MAL

O Sr. Nestor Jost, ex-presidente do Banco do Brasil, afirmou no Rio de Janeiro que "o povo brasileiro come pouco e mal", em consequência da

falta de amparo à agricultura. Citando o professor Tito Ryff, considerou que as últimas crises do abastecimento interno são resultado do conflito entre a agricultura de exportação e a voltada para o mercado interno, que competem em área de cultivo, crédito e mão-de-obra. Acrescentou que a falta de decisão política dos pequenos e médios produtores, geralmente voltados para culturas destinadas ao consumo interno, prefere o abastecimento interno em benefício dos produtos exportáveis ("pois o Brasil sempre teve problemas de balanço de pagamentos") e da agroindústria.

Considerou ainda fundamental que se altere a estrutura agrária do País, ocupando-se as novas áreas de fronteira agrícola com módulos rurais de porte médio onde os pequenos e médios produtores possam desenvolver uma agricultura voltada para o mercado interno, através de maior emprego de técnicas visando o aumento da produtividade.

MEDIDA SEM SENTIDO: PAULO VIANNA

O diretor-executivo da Comissão de Financiamento da Produção disse que "não há maneira de administrar preços em época de escassez", referindo-se à suspensão das operações de empréstimos para comercialização de milho, arroz e soja. O Governo fugiu aos quatro motivos básicos, que são: 1) nesta época, há um volume de financiamento muito pequeno. 2) há uma folga de cerca de Cr\$ 1 bilhão no orçamento monetário para a política de preços mínimos. 3) o governo rompeu uma longa tradição que a política de garantia de preços mínimos, nos seus 35 anos de vida, havia cultivado perante os produtores. Assim, os produtores podem passar a ver com desconfiança a política, pois eles podem deduzir que a qualquer hora, o governo pode voltar a tomar a mesma medida. 4) não era necessário suspender os financiamentos para realizar mudanças nas normas dos preços.

E finalizou: "tirar o crédito na hora que o produto está nas mãos do produtor e voltar a adotá-lo quando o produto está na mão do intermediário não faz sentido algum."

A INDÚSTRIA SALVA A LAVOURA

O Ministro da Fazenda divulgou da-

dos mostrando que os produtos industrializados apresentaram, até maio, um incremento de 34% sobre igual período em 1977. Esse excelente comportamento na pauta de exportações do Brasil está, de certo modo "salvando a lavoura".

Embora com uma queda de US\$ 237,7 milhões nas exportações em relação ao mesmo período em 1977, o Ministro está satisfeito, pois os produtos industrializados "poderão suprir o saldo negativo que a lavoura está deixando".

Resumo: a agricultura está perdendo sua força, depois de um longo período de sustentação da pauta de exportações. Após o contínuo massacre imposto à atividade rural, a produção caiu sensivelmente, abalando as exportações, e o Ministério da Fazenda acredita que os produtos industrializados poderão equilibrar a Balança.

Isso poderá ser possível, neste ano, segundo alguns experts econômicos, mas não pode se manter, pois a riqueza abandonando a agropecuária em função da indústria tenderá à importação de gêneros alimentícios, aumentando a pobreza interna, e o descompasso na distribuição da renda.

Com a agricultura perdendo sua força, serão milhões de pessoas afluindo para os núcleos industrializados, gerando um sub-consumo, situação não muito recomendável para o atual estágio de desenvolvimento brasileiro.

SURTEM Cr\$ 4,5 BILHÕES PARA A PECUÁRIA

O Conselho Monetário Nacional decidiu liberar recursos da ordem de Cr\$ 4,5 bilhões para apoio à sofrida Pecuária Nacional, através de três medidas: 1) reativação do Programa Nacional de Desenvolvimento da Pecuária (Propec), 2) reescalonamento dos débitos de financiamentos de custeio e investimento ao setor, 3) instituição de linha de crédito para aquisição de matrizes bovinas.

O Propec será reativado em Cr\$ 1,2 bilhões, sendo metade liberado pelo Banco do Brasil e o restante pelos bancos comerciais.

O reescalonamento contará com Cr\$ 3 bilhões e será liberado apenas para os pecuaristas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

A linha de crédito para aquisição de matrizes receberá Cr\$ 331 milhões destinados principalmente a pecuaristas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, ou pecuaristas de outras regi-

PANORAMA

ões que estejam adquirindo matrizes no Paraná de criadores que não disponham de pastagens suficientes para alimentá-las. Esse crédito será de 70% do valor das matrizes, sendo o limite por cabeça de Cr\$ 3.500,00.

SUDENE EVITA PUBLICAÇÃO DE DOCUMENTO

Um documento sobre a política agrária, elaborado por técnicos da Sudene, para servir como subsídio a um novo plano nacional do desenvolvimento teve sua circulação sistada dentro da própria Sudene. Foram recolhidas 65 cópias pela superintendência do órgão. O documento intitulado "Nordeste-Reforma Agrária e Desenvolvimento Rural" é uma autocrítica do órgão, tendo diversas cópias sido espalhadas pelo Nordeste e a diversas autoridades do País. A superintendência, por seu lado, até bem pouco tempo, afirmava que estas autocríticas não refletiam a posição oficial da Sudene, considerando-as "papéis escritos por alguns técnicos".

O trabalho enfatiza que 11,1% da força de trabalho regional foi obrigada a abandonar o Nordeste, migrando para outras regiões, em 1970. Diz que o crédito rural contempla apenas 13% dos produtores, não atingindo os objetivos, pois não é adequado para o

meio rural. Cita que 3 milhões de trabalhadores estão subempregados, com renda familiar inferior ao mínimo regional.

Esse importante documento finaliza mostrando os caminhos para a recuperação, prevendo a duplicação da renda bruta e permitindo uma remuneração mensal líquida de 1,7 salários mínimos para o trabalhador regional.

O MALOGRO DA SUDENE

Juarez Bahia, editor do Jornal do Brasil, lançou seu artigo "O malogro da Sudene", onde justifica o título dizendo que até hoje prevaleceu a ideologia do falso brilhante, isto é, uma Sudene servindo como eco de tão caprichosos quanto incompetentes esquemas da tecnoburocracia.

O Nordeste é, sem dúvida — continua Juarez — mais forte que a Sudene, pois até à capacidade do malogro da tecnoburocracia montada para socorrê-lo, resistiu, sobreviveu. E, certamente, já paga há anos, no silêncio e na frustração de expectativas sociais, políticas, econômicas, culturais, o preço dessa gigantesca e escandalosa imprevidência oficial que foi o planejamento crivado de erros para o seu desenvolvimento.

Como entender as palavras do próprio Superintendente da Sudene, em

Recife, ao dizer que em 18 anos de desenvolvimento planejado a região conseguiu apenas retornar à posição em que já se encontrava nos anos 30?

A tecnoburocracia impingiu ao Nordeste esquemas emergenciais, equivocados e inadequados, pelos quais convivemos a inibição da comunidade e o desencanto dos investidores privados, provocando a fuga de 125 mil empresas que se dispensaram de optar pelo sistema de incentivos fiscais, no ano de 1977.

A renda per capita do Nordeste é 300 dólares anuais, mas a força de trabalho estimada em 6 milhões, nos campos, é altamente subutilizada, percebendo uma remuneração inferior a 50 dólares anuais, ou seja, a mesma posição dos anos 30.

Juarez Bahia finaliza dizendo que as palavras do superintendente são a confissão de que 18 anos de apocalipse nordestino nada mais foram do que a monótona transferência, de governo para governo, de todos os problemas que sempre reclamaram solução... mas que nunca foram solucionados.

PARAÍBA PRODUIRÁ FERTILIZANTES COM ENERGIA SOLAR

Técnicos da UFPb estão instalando no município de Teixeira, alto sertão da Paraíba, uma usina de energia solar

EXPOSIÇÕES PARAIBANAS — 1978

LOCAL	PERÍODO	CATEGORIA
PATOS	03/08 a 06/08	Mista
TAPEROÁ	17/08 a 20/08	Mista
CAJAZEIRAS	31/08 a 03/09	Mista
PRINCESA ISABEL	14/09 a 17/09	Mista
SOUSA	28/09 a 01/10	Mista
CATOLÉ DO ROCHA	12/10 a 15/10	Mista
CAMPINA GRANDE	29/10 a 05/11	Geral (—)
GUARABIRA	09/11 a 12/11	Mista
SOLÂNEA	30/11 a 03/12	Mista
JOÃO PESSOA	10/12 a 17/12	Geral (—)

(—) Exposição Estadual

PANORAMA

destinada a transformar energia eólica e solar em hidrogênio para a produção de adubos e fertilizantes.

Teixeira, distante 400 quilômetros de João Pessoa, é potencialmente rico em ventos e luminosidade, devido à sua altitude e elevado índice de radiação, fatores esses considerados nocivos à agropecuária mas fundamentais para a transformação de energia.

AREIA GANHA DIGESTOR ANAERÓBIO

A Universidade Federal da Paraíba irá desenvolver em conjunto com a CESP Cia Energética de São Paulo, um projeto de Digestão Anaeróbia, para produção de gases, a ser implantado em seu campus de Areia.

Em sua visita, para os primeiros contatos com dirigentes universitários da Paraíba, o engenheiro Luiz Marcello Moreira de Azevedo, presidente da CESP, acompanhado de três assessores, visitou diversas unidades do campus da UFPb, recebendo explicações detalhadas sobre o funcionamento dos setores de pesquisa, particularmente no campo energético.

RAÇÃO DE CAMARÃO

O representante da Coca-Cola na Paraíba, sr. Roberto Resende, esteve em visita ao NUPPA - Núcleo de Pesquisa e Processamento de Alimentos, da Universidade Federal da Paraíba, afim de manifestar o interesse de um grupo do Arizona, USA, o qual deseja desenvolver conjuntamente pesquisas com resíduos de camarão.

A empresa americana, considerando a abundância de camarão no Estado da Paraíba, concluiu que esse Estado poderá ser a sede da pesquisa a ser desenvolvida.

O objetivo imediato é obter-se uma ração animal de alto valor protéico, com diversificação para setores agropecuários, tendo, portanto, um grande significado econômico para toda a região nordestina.

IRRIGAÇÃO EM CANAIS IMPERMEÁVEIS

O Ministério do Interior e a Universidade Federal da Paraíba assinaram convênio para a realização de pesquisas sobre diversos materiais para revestimentos de canais de irrigação, com vistas a uma avaliação comparativa do

comportamento desses, e para maior aproveitamento de recursos hídricos disponíveis. O convênio tem por objetivo, ainda, a viabilidade econômica e a padronização da construção, operação e conservação dos canais revestidos.

Para tanto, o Ministério do Interior destinou à UFPb a importância de 3,2 milhões de cruzeiros, tendo já sido designado um professor do Departamento de Engenharia Civil, do CCT Centro de Ciências e Tecnologia, em Campina Grande, afim de coordenar as pesquisas objeto do convênio.

COUROS E TANANTES

O CCT-Centro de Ciências e Tecnologia, em Campina Grande, desenvolverá, durante 12 meses, o projeto de Pesquisa e Treinamento de Pessoal em Couros e Tanantes, para formação de técnicos especializados que executarão estudos no campo dos processos químicos, além de assistir às empresas da região nordestina, quer na parte de equipamentos, quer na de treinamento de recursos humanos.

O projeto, aprovado pelo Ministro da Indústria e Comércio, Ângelo Calmon de Sá, após ter sido selecionado pela Comissão de Tecnologia Industrial do MIC, objetiva ainda a instalação de um laboratório de tecnologia industrial para desenvolver as atividades de pesquisa no campo dos processos químicos e para treinamento de operações mecânicas. O projeto total custará quase 11 milhões de cruzeiros.

O incremento previsível para 1980 é superior a 30% do universo de matérias-primas para o setor, conforme a justificativa apresentada pelo Secretário de Tecnologia Industrial.

Quanto à formação de pessoal especializado, visa o Projeto acabar com o empirismo, pois somente a Escola de Curtimento do Senai, localizada em Estância Velha, RS é que prepara pessoal, sendo que os nordestinos para lá enviados, dificilmente retornam, devido aos salários convidativos que lhes são oferecidos, pelas empresas sulinas. Os empresários salientam que o maior problema do setor é justamente a evasão de mão-de-obra para o sul do País, tanto de nível técnico como de nível operacional.

A escolha de Campina Grande para sediar o Projeto deve-se ao fato de esta cidade já sediar a Associação das Indústrias de Curtumes do Nordeste Brasileiro, a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, destacando-se ainda

a existência de uma Universidade própria com cerca de sete mil alunos.

CENTRO RURAL DA CARNE

Embora ainda não oficialmente aprovado, o diretor regional do British Council, sr. A. N. Sanderson, comunicou ao Reitor Lynald Cavalcanti, da UFPb que bons ventos sopram, podendo prever-se para breve a implantação da antiga pretensão do reitorado: o Centro Rural de Carne.

O Instituto de Produtos Tropicais e o Ministério de Desenvolvimento de Ultramar, órgãos britânicos, estiveram considerando não oficialmente os detalhes do modelo apresentado pela UFPb. Aham que, embora ainda não aprovado o modelo, pode-se fazer a seguinte proposta:

- o TPI - Tropical Products Institute pode fornecer: 1) desenhos para matadouro e processamento de plantas adaptáveis ao local, 2) um expert para supervisionar a instalação do equipamento, treinamento do pessoal e também o pessoal de pesquisa no final da fase de construção (entre 6 semanas e 3 meses), 3) um orientador para estabelecer pesquisa a nível de pós-graduação e treinamento na preservação e processamento de carne. 4) um outro expert, desta vez para a divisão do corpo do animal e distribuição. 5) cursos especializados e estudos de pesquisa (microbiologia, ciência da carne, mercadologia, etc.). 6) treinamento a nível de mestrado. 7) supervisão do Centro Rural de Carne até meados de 1981, inclusive com intercâmbio por parte da terra, que possui um bom curso de mestrado em Ciência da Carne.

A UFPb e o British Council mantêm há anos um bom programa de cooperação técnica e científica, prevenindo-se a aprovação do Projeto para um futuro próximo.

POLONORDESTE NO BREJO PARAIBANO

Após firmar acordo, já cabe à UFPb a execução dos subprojetos do Centro de Pecuária de Areia, Unidade de Pesquisa e Demonstração, Desenvolvimento de Artesanato e Laboratório de Sols. Para tanto, os recursos dispendidos serão da ordem de 7,3 milhões de cruzeiros até 1979.

PANORAMA

1) CENTRO DE PECUÁRIA – Em Areia, terá por objetivo a prestação de assistência técnica aos pecuaristas do Brejo, nas áreas de inseminação artificial, sanidade animal, nutrição animal e pastagens, numa área de 15 hectares, contendo uma sede e canchais de gramíneas, leguminosas, novos cultivares e outras forrageiras que servirão de demonstrativos aos criadores. Os pesquisadores serão empregados, também, visando efetuar um levantamento parasitológico dos rebanhos da região, bem como das matrizes introduzidas, trabalho esse executado juntamente com a Emater-PB.

2) DEMONSTRAÇÃO – A Unidade de Pesquisa e Demonstração será sediada no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, em Bananeiras, com objetivo de desenvolver e difundir tecnologia para as pequenas indústrias de produtos alimentícios da região do Brejo.

Inicialmente disporá de quatro unidades. Frutas e Verduras, Carnes, Leite e Laticínios e Farinha e Panificação, numa área de 600 metros quadrados, compreendendo sub-unidades, com profissionais de diversos ramos.

3) ARTESANATO – O objetivo desse sub-projeto é capacitar o artesão, ampliando-lhe, também, as condições de comercialização de seu produto. Será desenvolvido em sete núcleos da UFPB, no Brejo, devendo ser realizadas três exposições anuais ou feiras artesanais em capitais do País, criando-se um Fundo Rotativo, além de promover estúdios para dois mestres - artesões.

4) LABORATÓRIO DE SOLOS – Desenvolverá estudos da fertilidade de todos os solos da área, além de outras propriedades. Um extenso programa já está em funcionamento, com a Emater-PB distribuindo saquinhos plásticos para coleta de amostra, e posterior análise.

INOVAÇÃO EM IRRIGAÇÃO

O Grupo brasileiro Asbrasil, de São Paulo, está se associando ao grupo

americano Valmont, para fabricar no Brasil, o equipamento que se vê na fotografia, inovador em irrigação.

Abrange uma área de 400 metros de raio, ou seja 55 hectares por ponto de irrigação. Cada torre montada sobre rodas possui um motor e todas as torres são controladas, tendo movimento uniforme. O equipamento serve para qualquer tipo de cultura e está sendo muito utilizado nos EUA. O solo transforma-se, então, numa colcha de retalhos circulares, como se vê na fotografia, permitindo múltiplas experiências, com um máximo de rendimento.



IRRIGAÇÃO AINDA É A SOLUÇÃO

O Banco do Nordeste, na pessoa de seu ex-Diretor de Crédito Rural Valfrido Salmito, atual Superintendente da Sudene, distribuiu nota oficial mostrando sua atuação no setor de irrigação, a saber: Cruzeta (RN) com 23 colonos, Forquilha (CE) com 91 colonos, Aires de Sousa (CE) com 189 colonos, Várzea do Boi (CE) com 112 colonos, Itans (RN) com 11 colonos, Jaguaruana (CE) com 18 colonos, Vale do Salgado (CE) com 463 colonos, Vale do Curu (CE) com 509 colonos, Caldeirão (PI) com 88 colonos, Banabuiú (CE) com 580 colonos, São Gonçalo (PB) com 350 colonos, Vaza Baris (BA) com 131 colonos, Condado (PB) com 43 colonos, Ceraíma (BA) com 116 colonos, Bebedouro (PE) com 102 colonos e Mandacaru (BA) com 33 colonos. "Produzir durante o ano inteiro, ou conseguir duas safras durante o ano, quando no centro-sul só uma é possível, pode significar maior lucro na safra exclusiva do Nordeste, além de maior utilização do equipamento industrial", diz Valfrido.

É muito significativa a produtividade média das culturas exploradas nesses projetos de irrigação, sobretudo se se considerar que os colonos ainda não conseguiram acumular a prática e o domínio pleno da técnica que só a experiência de muitos anos pode propiciar.



O algodão herbáceo, por exemplo, alcança 2.287 quilos por hectare, contra 1.328 kg/ha obtidos em São Paulo. A cebola atinge 24.646 kg/ha contra 8.462 kg/ha em São Paulo. O tomate de mesa chega a 51.048 kg/ha contra 21.529 kg/ha em São Paulo. O milho em grão atinge 2.800 kg/ha contra 1.899 kg/ha em São Paulo.

O Banco do Nordeste considera, ainda, a geração de centenas de oportunidades de emprego, criadas direta e indiretamente pelos projetos, possibilitando melhores condições de vida aos agricultores nordestinos ainda apegados, em larga escala, a uma agricultura primitiva, de subsistência e para consumo familiar (BNB).

CARNE-DE-SOL PROVOCA CÂNCER

Diversos técnicos do Ministério da Agricultura estão diligenciando, no sentido de apurar os fornecedores de carne-de-sol, principalmente na região de Campina Grande, que estão utilizando inseticida com teor cancerígeno, por desconhecimento das condições de uso do remédio.

Muitos são aqueles que, para evitar o pouso das moscas sob a carne-de-sol, estão empregando o produto chamado GESAROL-33, uma espécie de "sal" que não altera o paladar da carne, mas é altamente nocivo à saúde humana, a médio e longo prazo.

GESAROL-33 é um inseticida clorado indicado para sementes de plantio e jamais deveria ser utilizado como "sal" em carne-de-sol, mas os vendedores inescrupulosos aplicam-no para poder exibir aos compradores uma "carne fresca e limpa, sempre nova".

Os inseticidas clorados são os grandes responsáveis por recentes cancelamentos de importações de carne brasileira para os Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra e Japão. Aqueles países não quiseram receber a carne brasileira pois os inseticidas aplicados nas pastagens havia deixado resíduos que com-



PANORAMA

prometeriam a saúde da população. No Brasil, no entanto, os clorados continuam sendo empregados, e agora, até diretamente na carne.

AS EXPOSIÇÕES ESTÃO CHEGANDO

Em 1977, a Paraíba expôs 13.578 animais e vendeu 7.389, ou seja 54,38%. Através do crédito rural orientado, o Banco do Brasil, Banco do Nordeste e Banco do Estado da Paraíba financiaram um total de Cr\$ 48.147.198,00 para aquisição de reprodutores e matrizes bovinas e diversos equipamentos com fins rurais.

Os animais vendidos foram Holando-Zebu, embora grande destaque tenha sido conferido à venda de 493 animais das raças Guzerá, Indubrasil, Gir, Nelore, e algumas raças européias como Schwyz, Simental, Fleckvieh, Charolês, Chianina.

Neste ano, serão 10 Exposições, sendo 2 de caráter estadual: Campina Grande e João Pessoa, permitindo antever um afluxo muito superior ao de 1977.

FAZENDA VAI CONTROLAR OS AÇOUQUES

A margem de lucro dos açouques em todo o País vão ser controlados pelo Ministério da Fazenda, após a constatação de que muitos são os estabelecimentos que trabalham com margem superior a 100 por cento. A medida de controle, se aprovada pelo Ministério da Agricultura, entrará em vigor em agosto.

O Governo apresentou a proposta de nivelar em 15% a margem bruta de lucro para todos os tipos de corte e também uma outra proposta: manter a margem bruta de 15%, mas passando a considerar cada tipo de corte em separado, podendo alguns ter reajuste superior, outros inferior.

SALMITO E A SUDENE

Algumas frases grandiloquentes do novo superintendente da Sudene: "O Brasil se orgulha de estar realizando, senão o mais antigo, pelo menos o mais ambicioso programa de desenvolvimento regional que se tem conhecimento, mas a política que decide o destino de 35 milhões de seres humanos, segundo os dados comparativos de que dispomos, revela um progressivo e desalentador distanciamento do Cen-

tro Sul, em relação ao Nordeste. Essa realidade chocante vem provocando cada vez mais inquietações e chega-se a discutir a validade das formulações estratégicas estabelecidas."

"... as chamadas fórmulas salvadoras têm sido tão numerosas quanto superficiais e incoerentes, de tal modo que, à falta de quem possa operar o milagre nordestino, prosseguiremos tentando obedecer às diretrizes daqueles que dedicam largos anos de estudo à nossa problemática."

"... Nós nordestinos, não queremos o Brasil pobre nem apostamos no seu insucesso, não só pelas históricas tradições de nosso patriotismo, como também porque tanto mais recursos terá o governo para apoiar nossos programas, quanto maior for a riqueza do País."

MAIS IMPORTAÇÃO

O Ministério da Fazenda informou em 17 de julho que mais 60 mil toneladas de carne deverão ser importadas até o final do ano, para normalizar a oferta do produto, com prioridade de ação, pois os preços crescentes da carne estão prejudicando a política de combate à inflação. A importação foi decidido com os dirigentes dos sindicatos de frigoríficos de São Paulo, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Minas Gerais.

PAULINELLI: CARNE BOVINA VAI CONTINUAR FALTANDO

O Ministro da Agricultura previu a continuação a longo prazo da escassez de carne bovina no Brasil, dizendo que a situação atual deve-se mais ao aumento do consumo do que a problema de oferta. Segundo o Ministro a Pecuária atravessa um ciclo de baixa produção sendo que o rebanho continua crescendo, embora mais lentamente, e os preços altos agora impostos, vão levar à recuperação do ritmo de criação.

Palavras de Ministro no dia 6 de julho, na Escola Superior de Guerra, que como bem enfatizou, estava fazendo uma "previsão".

PARANÁ VAI A GEISEL

Cerca de 50 líderes agrícolas, tendo à frente o presidente da Sociedade Rural do Paraná, Sr. Antonio Fernandes Sobrinho, entregaram ao ex-Ministro

Nei Braga, uma lista de reivindicações que, se não observadas, arruinarão a agricultura paranaense.

Os produtores pedem ao Presidente da República o seguinte: 1) que os investimentos na agricultura e pecuária, vencidos e a vencer até dezembro, sejam reescalados, após englobamento, num prazo de 5 anos, a partir de junho de 1979, vencíveis anualmente em percentuais sucessivos de 20%. 2) Reescalamento das dívidas vencidas e já reescaladas da cafeicultura, nos mesmos moldes. 3) liberação em caráter de urgência de verba de manutenção de custeio de Cr\$ 1.000,00 por hectare, com dedução das verbas já liberadas para milho, soja, arroz e algodão. Nesse caso, pedem um recurso ocioso no Banco do Brasil (?) de Cr\$ 14 bilhões, em consequência do próprio endividamento dos produtores. 3) Cancelamento da Circular 366 do Banco do Brasil que impede a elevação dos níveis de produtividade nas lavouras mais tecnificadas e com crédito orientado. 4) Redução do penhor agrícola a ser recolhido pelo Banco do Brasil de 100 para 70%. 5) Prorrogação pelo Banco Central das parcelas de financiamento de investimentos agrícolas vencidas ou a vencer em 1978, outorgadas às cooperativas de produtores rurais.

SENADOR MOSTRA A CRISE A FIGUEIREDO

O Senador, já escolhido para biênico, pelo Estado de Goiás, Benedito Ferreira (Arena-Go) mostrou ao General João Baptista Figueiredo que em 1973 viveu-se uma euforia, na área de exportação de carne, com o preço da tonelada chegando a US\$ 1.500,00 — o dobro do atual. Os pecuaristas ficaram nas mãos dos invernistas que, em 1977, estavam pagando pelos bezeros desmamados 40% menos que o preço vigente no segundo semestre de 73. A crise forçou ao abate de fêmeas, cujos reflexos já estão sendo constatados, com a importação de 200 mil toneladas de carne, ainda esse ano, ou muito mais.

O percentual de matrizes abatidas em relação ao total de reses aumentou em todo o País, apresentando Goiás os seguintes resultados: 1972 — 34,83%. Em 1973 — 24,82%. Em 1974 — 25,73%. Em 1975 — 32,44%. Em 1976 — 48,94%. Em 1977 — 52,45%. Segundo o Senador, se esse percentual não retroceder, urgentemente, para níveis de 73 e 74, a situação

PANORAMA

calamitosa. Junto a esse estudo, o Senador propôs a utilização dos campos, sempre verdes, do norte de Goiás e do leste do Pará, desde que surgisse um financiamento para os pecuaristas.

DEUS SALVE O PREÇO DA CARNE:

A perspectiva de impor tabelamento aos açougues foi descartada, na reunião entre o Ministro da Fazenda e o Ministro da Agricultura, no Rio de Janeiro, para não "desmoralizar o Governo", caso viesse a surgir um mercado negro.

O preço desejado pelo Governo, nessa reunião, era de Cr\$ 225 por arroba, sendo que no início da entressafra, em julho, o preço previsto já era de Cr\$ 450.

Por outro lado, a ineficiência dos frigoríficos em realizar as importações necessárias, forçou o Ministro da Fazenda a autorizar a Interbrás e a Cobec a trazer carne, principalmente, da Austrália e do Mercado Comum Europeu.

NOVA PROMISSÓRIA PARA PECUARISTA

O Presidente da Associação de Criadores de Nelore do Brasil, José Mário Junqueira de Azevedo, disse que os agropecuaristas paulistas já encaminharam ao Banco Central, uma proposta concreta de alteração do atual sistema da nota promissória rural. A proposta consiste em mantê-la apenas nas operações entre produtores rurais e cooperativas e quando os bens adquiridos se destinarem à produção rural. Quando a empresa compradora de produtos agrícolas for industrial deverá utilizar, em lugar da nota promissória, a CÉDULA DE CRÉDITO INDUSTRIAL ou então a NOTA DE CRÉDITO INDUSTRIAL, admitidas pela Resolução No. 416, do próprio Banco Central.

O que é fundamental é que, nesta operação, o produtor rural não tem qualquer participação, ficando a critério do Banco, a concessão ou não do crédito à indústria, para aquisição de produtos agropecuários.

A NCI e CCI foram admitidas, inclusive, para a compra de produtos agropecuários de acordo com a resolução No. 416, de 26 de janeiro de 1977.

CRÉDITO DO ICM FECHA LATICÍNIOS

Com a perda do crédito de 12,5% que tinham no pagamento de ICM sobre a compra de leite in natura, diversas indústrias de laticínios fecharam suas portas temporariamente e outras venderam suas fábricas ou reduziram em até 80% suas atividades, informou o superintendente do Sindicato da Indústria de Laticínios e Derivados de Minas Gerais, Sr. Lindemberg de Albuquerque.

O crédito foi retirado por uma resolução dos Secretários da Fazenda, que se reuniram, em Porto Alegre, em maio de 1977. Como essa resolução modificou um decreto, os industriais entendem que ela é ilegal.

Ao contrário dos laticinistas paulistas e paranaenses que impetraram mandado de segurança contra o ato e ganharam a liminar, os mineiros preferiram ajuizar uma ação declaratória. A petição foi apresentada em maio, mas até agora o Governo estadual não a contestou.

E COMEÇA O CÂMBIO NEGRO

"Quando foi autorizada a importação limitada, consideramos o fato um erro gravíssimo, mas agora o Governo incorre em mais um erro e liberta as cotas. Ora, todos nós sabemos que é impossível, tanto para os frigoríficos quanto para os supermercados, o cumprimento dos preços estipulados pelo Ministério da Fazenda e com a importação, a única coisa que conseguiram foi estimular o comércio ilegal da carne", disseram os representantes dos supermercados que atuam na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro.

A carne importada que deveria estar sendo entregue aos supermercados está sendo desviada para os açougues que, por não estarem obrigados a cumprir nenhum acordo de preços, podem pagar até Cr\$ 25,00 pelo quilo de traseiro e Cr\$ 16,00 pelo do dianteiro, enquanto que os supermercados, como estão presos às cotações determinadas pelo Governo, só estão conseguindo carne de péssima qualidade.

"Agora decidimos que vamos cruzar os braços até que o Governo tome alguma atitude. O problema não é mais

nosso: queremos apenas que os itens do "acordo de cavalheiros" sejam respeitadas, caso contrário não compraremos mais carne" afirmaram os representantes.

E, para finalizar, salientaram que somente aceitarão as remessas de carne do Uruguai que estiverem estipuladas no "acordo", ou seja, dois traseiros por um dianteiro. A decisão é da direção da ASSERJ, que se reuniu em assembléia geral na Bolsa de Gêneros Alimentícios, no Rio.

NOVO REBANHO GUZERÁ

São 80 matrizes, entre vacas e novilhas em condições de reprodução, 12 novilhas entre 12 e 24 meses e um touro, formando o mais novo rebanho da Paraíba, proveniente de Sergipe.

Esse rebanho de propriedade da EMBRAPA será sediado, em sua grande parte, na Fazenda Regional de Criação "João Pessoa", em Umbuzeiro e o restante, em Alagoinhas, PB.

Em Umbuzeiro, onde já se encontra o mais puro gado Gir leiteiro do Brasil, o rebanho Guzerá se prestará a um estudo comparativo de produção de leite entre as duas raças, conservando ambas sua pureza racial.

Em Alagoinhas ficarão os animais que não estiverem em análise. Com esse trabalho da EMBRAPA os próximos anos trará muitas novidades na questão de produção de leite pelas raças zebuínas.

REBANHO NELORE À DISPOSIÇÃO

Um dos maiores e mais renomados criadores de Nelore, da Bahia, está transferindo seu rebanho, cuja seleção dura já cerca de 30 anos, para pecuaristas conscienciosos.

São diversos os fatores que levaram o renomado produtor a tomar tão drástica medida, mas — dada a sua particular situação atual — o melhor a fazer, segundo ele mesmo, é transferir o rebanho a quem tenha condições e habilidade para continuar o trabalho.

O interesse maior é efetuar a transferência de todo o rebanho para um único proprietário, para não infringir riscos ao trabalho de tão longos anos, sendo que o criador aguarda propostas de todo o Brasil, dada a performance de seus animais, muitas vezes premiados.

AS INCERTAS ESTATÍSTICAS DO CRESCIMENTO BRASILEIRO

... estão maquilando o rosto nordestino com uma moldura de flores irreais...



Recentemente, a SUDENE deu a conhecer grandezas do crescimento econômico da região nordestina em 1977. Segundo tais revelações, o produto interno do Nordeste teria aumentado nesse ano, relativamente a 1976, entre 8 e 9 por cento, uma cifra que se compararia favoravelmente com o ritmo de expansão brasileiro em 1977, da magnitude, conforme revelações oficiais igualmente recentes, de 5,03 (sic) por cento. Há aí, nesse cenário numérico, algumas impropriedades que merecem urgentes reparos. Em primeiro lugar, observe-se que, sem progresso revolucionário visível nas técnicas de computação das variáveis macroeconômicas de uma região ou país e sem transformações igualmente radicais nos sistemas estatísticos brasileiros, resultados que há uma década levaram até anos para serem divulgados — a Fundação Getúlio Vargas, na sua longa e árdua experiência, que o diga —, são hoje mostrados com uma rapidez que desafia o mais sofisticado dos computadores. Mal se remove a derradeira folhinha do calendário e já se dispõe, sem maior esforço, dos números que dimensionam o comportamento da economia nacional no lapso de tempo envolvido. E os valores são comunicados sem qualquer hesitação quanto às margens de equívoco que indiscutivelmente lhes rodeiam. Margens de erro, às vezes, substancialmente elevadas.

No entanto, nem as estatísticas disponíveis garantem tão pronta informação, nem se pode confiar cegamente nos métodos indiretos que permitem a realização das computações. Com efeito, elementos como o valor da produção agrícola, o valor da transformação industrial, o produto das atividades do governo etc., somente se podem estimar, depois de substancial acumulação de estatísticas, com defasagem que tradicionalmente não é inferior a um ano no Brasil. E veja-se que, mesmo assim não são pequenas as imperfeições dos levantamentos de dados, os quais utilizam predominantemente a rede de coleta do IBGE a nível municipal que, como bem sabem os pesquisadores da realidade econômica brasileira, peca por incontornável precariedade. Por outro lado, quando o governo divulga resultados do crescimento da economia, está se apoiando em cálculos feitos às custas de extrapolações, de observação de uma amostragem de reduzido número de indicadores e de outros procedimentos igualmente sujeitos a críticas e dispersões de erro. Tudo se passa, porém, como se a estimativa possuísse grau absoluto de fidedignidade e, tal qual toda medida efetuada com o suporte de metodologia científica, não estivesse sujeita a intervalos de confiança e erros-padrão de estimativa. Louve-se, a propósito, a SUDENE que, saindo do figurino usual, a um valor preciso da taxa de crescimento da economia nordestina em 1977, preferiu estabelecer, através do pronunciamento de seu Superintendente, uma faixa entre 8 e 9 por cento para o parâmetro. Em economia, contudo, trabalha-se muitas vezes com valores numéricos — e esse parece ser o caso das grandezas macroeconômicas — que, mesmo nas ciências ditas exatas, jamais dispensariam o tratamento que se dá às médias em torno das quais se descreve uma lei de distribuição —

bivariada, normal etc. Mede-se produto interno com a mesma precisão com que se toma a altura de um indivíduo e chega-se até ao extremo de computação de taxas de crescimento com duas decimais. Oscar Morgenstern, em livro conhecido e citando S. Kuznets, adverte, contudo, que mesmo num sistema estatístico melhor assentado como o americano, valores de taxas de aumento da renda nacional apresentariam normalmente margens de erro de mais ou menos dez por cento.

É duvidoso, portanto, o sentido de se afirmar com segurança que a região nordestina cresceu de 8-9 por cento em 1977. Talvez mais correto fosse dizer que, com uma precisão de 90 por cento, a verdadeira taxa de crescimento situou-se entre 6,5 e 10,5 por cento, por exemplo. E que, pelo mesmo raciocínio, a do Brasil como um todo estaria entre 3,5 e 6,5 por cento. Assim, dependendo de uma conferência posterior mais rigorosa, poderia até ocorrer que as taxas de crescimento do produto da região e do país não houvessem divergido, do mesmo modo que poderiam ter se situado nos extremos da distância probabilisticamente admissível. Mas tudo isso está se conjecturando nas hipóteses tanto de que os procedimentos de cálculo estejam substancialmente corretos, como de que os dados que alimentam o sistema computacional não revelem defeitos de nascimento.

Uma avaliação das estimativas de renda e produto do Brasil, publicada pela revista *Pesquisa e Planejamento Econômico*, do IPEA, em dezembro de 1972, demonstra cabal discrepância entre informações da FGV e da SUDENE relativas ao produto interno do Nordeste no período 1960/68. De acordo com o cotejo das duas fontes — a primeira, mais conhecida como fornecedora de dados desse tipo do que a segunda, mas nem por isso exibindo superior qualidade de informação no caso em debate —, as medidas da SUDENE teriam sistematicamente, no tocante a taxas globais de crescimento, dimensões superiores às da Fundação Getúlio Vargas. Se isto não quer dizer alguma coisa, serve pelo menos para mostrar que as cifras divulgadas estão longe de revelarem a precisão que se lhes atribui. E que, por outra parte, não faz sentido comparar-se um dado referente ao Brasil como um todo, usualmente obtido com a metodologia da FGV, com outro pertinente ao Nordeste, calculado à base dos procedimentos da SUDENE e do Banco do Nordeste. Uma tal comparação equivaleria a cotejar uma distância mensurada em palmos de uma criança com outra avaliada em pés de um adulto.

Mas afinal, o que aconteceu no Nordeste em 1977, que lhe proporcionou o salto de crescimento contido nas imediações da taxa de 8-9 por cento? Estariam sepultadas, com esse desempenho, as advertências dos que, como economistas, políticos e jornalistas conhecidos, chamam a atenção para o empobrecimento visível do Nordeste? Certamente que não. Basta, a propósito, examinar o crescimento da agricultura em 1977 e lembrar, em 1976,

Clóvis Cavalcanti
ocorreu uma crise climática importante na região, fazendo com que se contraísse a atividade agropecuária, para concluir que o aumento do produto global em 1977 esteve essencialmente condicionado pelo que aconteceu ao setor agrícola. Normalmente o Nordeste, no ano seguinte a uma seca que produziu grande abalo à agricultura regional, demonstra vigoroso poder de recuperação das atividades rurais, geralmente verificando-se nesses anos uma elevação de 13 por cento ou mais na produção das lavouras e da criação. Isto é o que demonstra cuidadoso estudo patrocinado pela SUDENE sobre a seca de 1970. Pois bem, a performance da agricultura nordestina em 1977 repete o padrão regular exibido pela região no rastro de uma grande estiagem, apresentando elevação do produto da ordem de 13 a 14 por cento. Ao mesmo tempo, a indústria, em que deveria repousar o dinamismo da expansão do Nordeste, conforme jaz implícito nas políticas concebidas para a área, limitou-se ao ritmo de crescimento de 5 por cento, no patamar, portanto, do desempenho geral da economia brasileira. Esse quadro sucinto mostra entretanto, sem nenhuma deformação de caricatura, que o sistema econômico nordestino não dispõe de forças próprias para propulsão de seu crescimento e que os acontecimentos de 1977 ali assinalados não passam de variações conjunturais de escopo restrito, sem maior alcance. Em outras palavras, 1977 não representa um *turning point*, um marco de modificação nas tendências de desnivelamento Nordeste/Centro-Sul, que têm sido a feição irrecusável e perturbadora da experiência brasileira moderna de repartição regional da renda. Daí, não valer qualquer euforia oficial a respeito dos números da economia nordestina em 1977, divulgados com tanto alarde e um otimismo que a realidade não justifica, sobretudo em face da situação trôpega que enfrentam muitas empresas novas, geradas à sombra dos incentivos fiscais, empresas que estão despedindo trabalhadores, semicerrando as portas, mal podendo ensaiar passos próprios de sobrevivência. Dessa forma, querer emoldurar de flores o panorama da região nordestina é como tentar esconder sob a máscara de pesada maquilagem um rosto anêmico, vincado pelo sofrimento anônimo de populações marginalizadas.

O ZEBU É BRASILEIRO

Por entre as bandeiras e a grande festa do Zebu, ficou evidenciado que o rebanho nacional cresce em qualidade, vindo campeões de todos os quadrantes brasileiros. Hoje, o Zebu é absolutamente brasileiro, como o prova Uberaba.

A GRANDE EXPOSIÇÃO

Centenas de expositores, vindos de todos os rincões, com animais de excelente performance, mostraram que o criador é um bravo. Em plena crise, após seis anos de amarguras, Uberaba não perdeu o brilho e dezenas de países vieram ver o Zebu brasileiro.

A distribuição de prêmios trouxe a certeza de que as raças zebuínas estão naturalizadas, devendo ser consideradas como "RAÇA NACIONAL". A mostra de Uberaba, analisada sob esse aspecto, grangeou um sucesso maior que nos anos anteriores.

1) RAÇA GIR

A presença de 37 expositores, sendo que grande parte deles já era habitual. Inclusive a distribuição de prêmios também não fugiu muito da tradicional.

Uberaba foi a grande campeã nessa raça, conquistando grande parte dos prêmios, a despeito do restante do Estado de Minas Gerais. Logo a seguir, o Estado de Goiás marcou presença vitoriosa. Uberaba: 10 pontos, Goiás: 8 pontos.

Cidades presentes: Minas Gerais: Campina Verde, Erutal, Centralina, Conceição de Alagoas (3 expositores), Uberlândia (dois expositores), Uberaba (13 expositores), Felixlândia (2 expositores), Bom Despacho, Sacramento, Veríssimo (2 expositores), Goiás: Hidrolândia, Padre Bernardo (2 expositores), Flores de Goiás, Goiânia. Rio de Janeiro: Macaé, Alagoas: Cacimbinhas. Mato Grosso: Campo Grande (2 expositores). São Paulo: Barretos, Ituverava.

Cidades campeãs

- o Uberaba, MG – 10 pontos
- o Padre Bernardo, GO – 6 pontos
- o Uberlândia, MG – 3 pontos
- o Hidrolândia, GO – 2 pontos
- o Macaé, RJ
- o Cacimbinhas, AL
- o Frutal, MG



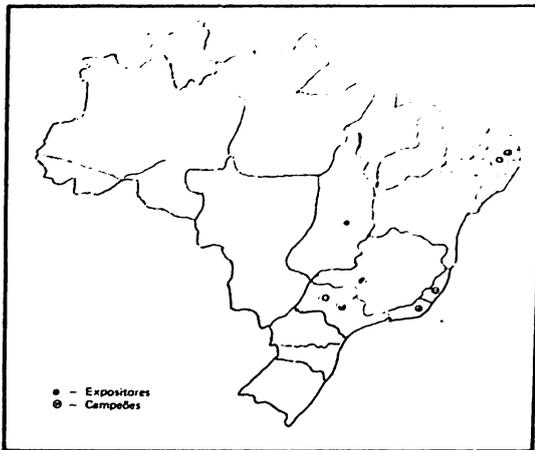
2) RAÇA GUZERÁ

Uma das grandes disputas do certame, com vários concorrentes de alto nível. Nove expositores entraram na pista de julgamento, tendo o Estado da Paraíba sagrado o Grande Campeão, deixando – no entanto – a contagem de pontos, nas mãos de Uberaba, que obteve 8 pontos, enquanto a Paraíba ficou com 5 pontos, mesma quantia que São Paulo.

Cidades presentes: Minas Gerais: Uberaba. Espírito Santo: Cachoeiro do Itapemirim. Paraíba: Massaranduba, Campina Grande. São Paulo: Andradina, Jardinópolis, Ribeirão Preto. Goiás: Cristalina. Rio de Janeiro: Magé.

Cidades Campeãs

- o Uberaba, MG – 8 pontos
- o Massaranduba, PB – 4 pontos
- o Andradina, SP – 4 pontos
- o Magé, RJ – 3 pontos
- o Cachoeiro do Itapemirim, ES – 2 pontos
- o Campina Grande, PB – 1 ponto
- o Jardinópolis, SP – 1 ponto



ESPECIAL: Digno de nota é o fato de a Fazenda Muçambé ter conquistado, pela 3ª vez consecutiva o título máximo de Grande Campeão da Raça. Em 1976, com Dacar, em 1977 com Magnésio e agora, em 1978, com General-H. O expositor laureado, Dr. Humberto de Almeida, é da cidade de Massaranduba, no Estado da Paraíba.

3) RAÇA INDUBRASIL

Sem dúvida, o mais polêmico julgamento, com grande torcida por parte dos criadores, 28 ao todo. A grande novidade foi o reconhecimento da importância do Indubrasil de Sergipe, com mesma quantidade de pontos que Minas Gerais.

Cidades presentes: Minas Gerais: Araxá (2 expositores), Veríssimo, Uberlândia, Uberaba (5 expositores), Rubim, Almenara, Conquista (5 expositores), Conceição das Alagoas, Campo Florido. Sergipe: Japaratinga, Frei Paulo (2 expositores), Japoatã, Boquim. Paraíba: Sousa, Campina Grande. Mato Grosso: Sidrolândia. Bahia: Itaju da Colônia, Feira de Santana.

Cidades campeãs

- o Araxá, MG – 4 pontos
- o Frei Paulo, SE – 4 pontos
- o Japaratinga, SE – 3 pontos
- o Conceição das Alagoas, MG – 2 pontos
- o Florido, MG – 2 pontos
- o Sidrolândia, MT – 2 pontos
- o Uberaba, MG – 2 pontos
- o Boquim, SE
- o Campina Grande, PB
- o Japoatã, SE
- o Conquista, MG



4) RAÇA NELORE

Grande representação, com 54 expositores, Uberaba mostrou neste ano de 1978 excelentes animais dessa raça. O julgamento foi difícil e os prêmios foram espalhados por várias regiões do Brasil.

O Estado de São Paulo ficou com 11 pontos, enquanto o Mato Grosso ficou com 7, sendo os vencedores.

Cidades presentes: Minas Gerais: Campina Verde, Veríssimo, Uberaba (14 expositores), Capitólio, Ribeirão das Neves, Almenara, Bocaiúva, Itapagipe, Prata, Monte Alegre. Mato Grosso: Paranaíba, Três Lagoas (2 expositores), Bela Vista, Caarapó, Dourados. São Paulo: Birigui, Barretos, Mococa, Bocaina, Miguelópolis, Araçatuba, Orlandia, Brotas, Guararapes, Cerqueira César. Paraná: Guapirama, Jundiá do Sul, Londrina. Alagoas: Cacimbinhas, Igreja Nova. Rio de Janeiro: Macaé. Espírito Santo: Anchieta. Goiás: Crixás, Campo Alegre. Bahia: Jequié, Salvador, Feira de Santana, Itagimirim.

Cidades campeãs

- o Araçatuba, SP – 4 pontos
- o Barretos, SP – 3 pontos
- o Três Lagoas, MT – 3 pontos
- o Bela Vista, MT – 3 pontos
- o Capitólio, MG – 3 pontos
- o Jundiá do Sul, PR – 2 pontos
- o Cerqueira César, SP – 2 pontos
- o Cacimbinhas, AL – 2 pontos
- o Bocaina, SP – 2 pontos
- o Paranaíba, MT –

Expositores: o Estado de São Paulo, quando
 o Estado de origem de Uberaba.
 Cidades presentes: Minas Gerais: Uberaba
 (14 expositores); Estrada do Sul, Concórdia,
 Itaipava, São Paulo: Itaipava, Co-
 cós, Goiás: Buri, Alegre, Cárma, Rio
 Verde, Jaratana; Bahia: Salvador; Mato
 Grosso: Corumbá.

Cidades campeãs

- Itaipava, SP - 5 pontos
- Jaratana, MG - 5 pontos
- Rio Verde, GO - 3 pontos
- Concórdia, SP - 3 pontos
- Corumbá, GO - 2 pontos



5) RAÇA NELORE VARIEDADE MOCHA

17 Expositores compareceram a Uberaba, tendo o Estado de São Paulo saído vitorioso, seguido pela cidade de Uberaba.

Cidades presentes: Minas Gerais: Prata, Uberaba (2 expositores), Veríssimo, Ribeirão das Neves, Itapagipe. São Paulo: Araçatuba, Birigui, Orlândia, Miguelópolis, Rio Grande do Sul: São Luis Gonzaga. Mato Grosso: Bonito, Dourados. Bahia: Feira de Santana, Salvador.

Cidades campeãs

- o Araçatuba, SP - 12 pontos
- o Uberaba, MG - 5 pontos
- o Prata, MG - 2 pontos
- o Feira de Santana, BA
- o Orlândia, SP -



6) RAÇA GIR VARIEDADE MOCHA

Os expositores, num total de 14, apresentaram bons animais, tendo consagrado



7) MOCHO TIPO TABAPUÃ

Dois expositores do Estado de São Paulo, terra de origem do Mochos tipo Tabapuã.

A cidade de Tabapuã ficou com 13 pontos e Batatais, SP ficou com 4 pontos.

COMENTÁRIOS



a) Na Raça Gir, apenas 5 expositores goianos conquistaram 8 pontos, enquanto Uberaba saiu vencedora com 10 pontos e 13 expositores.

VISITE FEIRA DE SANTANA

de 10 a 17 de setembro
 IVa. Feira Intermunicipal de Animais
 IIa. Grande Exposição de Gado Holandês.

Fazenda Indiana Ltda

Durval Garcia de Menezes e Filhos
 Rebanho Fundado em 1918

6 Touros Importados
 12 Touros P.O.I. servem
 600 Fêmeas de chifre

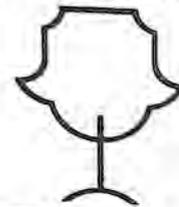
e
 130 Fêmeas P.O.I.
 10 Touros mochos servem
 500 Vacas mochas

Venda Permanente de Machos e Fêmeas de CHIFRE E MOCHO

FAZENDA INDIANA LTDA
 Antiga Estrada Rio-S. Paulo
 Km 31

Campo Grande - RJ
 Correspondência:
 Av. Heitor Beltrão, 29 - ZC - 10
 Tijuca - Rio de Janeiro
 RJ - (20.000) - Tel.: 228-7678

**BOM NO PESO
 E BOM NA RAÇA
 SÔ NELORE MARCA TAÇA**



REPRESENTANTES DE VENDA

- o para visitar os selecionadores, periodicamente.
- o dar cobertura jornalística às Exposições de Gado.
- o obter fotografias de animais.

Escrever para:
 Caixa Postal, 98
 CEP 58.000
 João Pessoa - Paraíba

CONCLUSÃO

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL DOS TÍTULOS CONQUISTADOS EM UBERABA 1978

A cidade de Uberaba foi considerada "muitada" do restante do Estado de Minas Gerais (100%) pelo do evento. Em número grande, vários os pontos obtidos e em número pequeno, a quantidade de exposições.

Raça	Estados												
	Uberaba	RS	MG	SP	PR	MT	GO	SE	BA	PB	SC	PI	PA
GIR	10 ¹³		2 ¹³	1 ²		1 ²	5 ⁵						
GUZERÁ	8 ¹			3 ²			1 ²			5 ²			
INDUBRASIL	2 ⁵		9 ¹³			2 ¹	4 ⁴	4 ⁴	1 ²	1 ²			
NELORE	1 ⁴		2 ¹⁹	1 ¹⁰	2 ³	7 ⁵	1 ²		1 ²				
GIR MOCHO	5 ⁴		1 ²	8 ²		1 ⁴	1 ⁴						
NELORE MOCHO	5 ²	1 ¹	2 ¹⁴	13 ⁶		1 ²			1 ²				
TABAPUA				17 ²									

- b) Apenas 1 expositor de Uberaba conseguiu 8 pontos, enquanto 2 paraibanos obtiveram 5 pontos e 3 paulistas outros 5 pontos, na **Raça Guzerá**.
- c) Na **Raça Indubrasil**, apenas 4 sergipanos conseguiram 9 pontos, enquanto 13 expositores mineiros obtiveram outros 9 pontos.
- d) A **Raça Nelore** abandonou Minas, em 1978, pois 14 expositores uberabenses e mais 9 do restante do Estado conseguiram apenas 3 pontos. São Paulo, com 10 expositores obteve 11 pontos, seguido do Mato Grosso, com 5 expositores e 7 pontos.
- e) A **Raça Gir Variedade Mocha** mostra apenas dois expositores paulistas conseguindo 8 pontos, enquanto 4 expositores uberabenses obtiveram 5 pontos e 4 goianos outros 5 pontos.
- f) A **Raça Nelore Variedade Mocha** apresenta 6 expositores paulistas conquistando 13 pontos, enquanto 2 expositores de Uberaba ficam com 5 pontos.
- g) O **Mochô tipo Tabapuã**, com apenas 2 expositores paulistas conferiu 17 pontos.

Observações Diversas

- o O Estado de Minas concentrou a maior parte dos títulos, num total

de 79 pontos, sendo 30 para Uberaba e 49 para o restante do Estado.

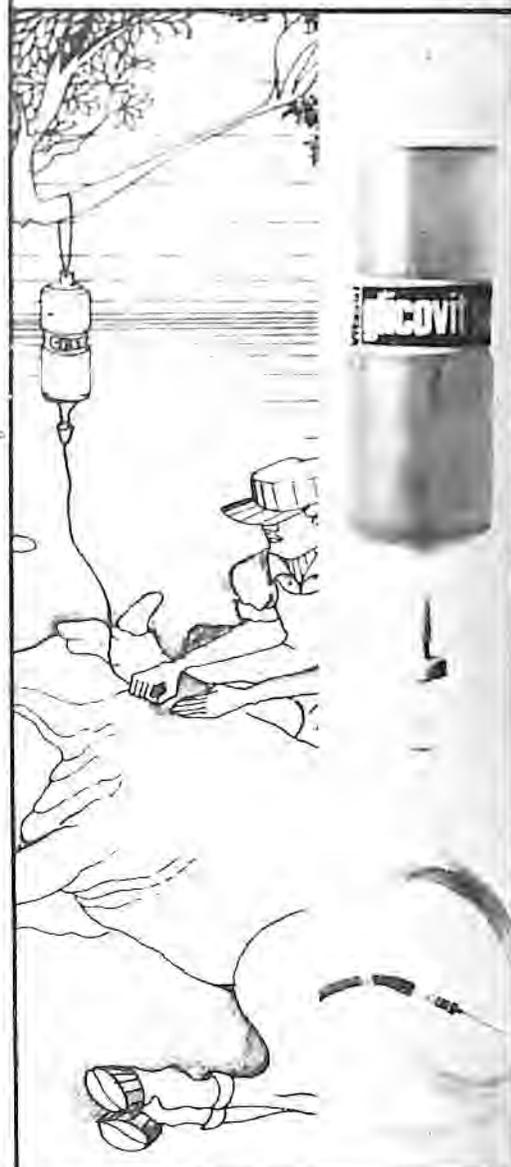
- o O Estado de São Paulo ficou com 54 títulos, Goiás, com 13, e o Nordeste somou 18.
- o Considerando a difícil situação atual, em plena época de crise, os nordestinos trouxeram, com ingente sacrifício, suas representações e — mesmo assim — conseguiram mais de 15% dos títulos. Isso prova que, em condições normais, os nordestinos poderão comparecer a Uberaba e conseguir uma excelente marca, com maior quantidade de expositores.
- o Uberaba-1978 mostrou que o Zebu está em todo o Brasil, com animais a nível ótimo.
- o O Nordeste assegurou sua posição na raça Guzerá (Paraíba) e na raça Indubrasil (Sergipe).
- o A Exposição de Uberaba, realmente, continua sendo o Ponto de Encontro da Pecuária Nacional.

CRITÉRIO PARA CONTAGEM DE PONTOS DO PRESENTE TRABALHO

Não houve ponderação. Cada título tem o mesmo valor que um outro. Assim, "campeão bezerro" vale tanto quanto "Grande Campeão da Raça". Foram considerados os seguintes títulos, todos com o mesmo valor: Categoria, Grandes Campeões, Melhor Desenvolvimento Ponderal, Conjuntos Progênie de Pai e Progênie de Mãe, Campeão Frigorífico.

GLICOVIT SUPER

potentíssimo
tônico
reconstituente
e estimulante



Auxiliar no tratamento de doenças infecciosas e parasitárias, nas intoxicações, desidratações, stress por excesso de trabalho e produção, reconstituente neuro-muscular, regulador do metabolismo. A melhor associação de Glicose com vitaminas, eletrólitos e metionina.

Vitasul

Rua Visconde de Rio Branco, 794
90.000 - Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: 22.00.50

PECUÁRIA LEITEIRA VISITA O SUL EM BUSCA DE TECNOLOGIA RURAL

Numa iniciativa pioneira da EMBRAPA-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, na atual gestão do Dr. José Irineu Cabral, os criadores paraibanos acabam de realizar extenso programa de visitas, envolvendo os Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, em análise e avaliação de tecnologia que possa se adequar, imediatamente, à criação de gado de leite, na região tropical.

Os excursionistas, selecionados de todas as diferentes regiões paraibanas, foram os seguintes: Manoel Alexandrino de Melo, Edson de Sousa do Ó, César Fernandes Cartaxo, Aníbal Sá Nóbrega, Churchil Cavalcante César, Aguinaldo Veloso Freire, Valter de Azevedo Porpino, Antônio Vilar Filho,

Dirceu Justiniano (Embrapa - Alagoínia-PB).

O motivo principal foi conhecer o funcionamento do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite-CNPGL, responsável pelo desenvolvimento de pesquisas e posterior difusão para todo o País. O Centro possui três bases físicas: a) sede com 1.050 hectares, trabalhando em Nutrição e Pastagem, Manejo, Sanidade e Reprodução Animal, b) Valença, RJ com 1.700 hectares (Fazenda Santa Mônica) trabalhando em melhoramento genético. c) Umbuzeiro, PB com 306 hectares, também em melhoramento genético, utilizando somente animais puros da raça Gir.

posição definida quanto à consorciação nas pastagens. A grande surpresa para todos, no entanto, foi verificar que muitas leguminosas que aqui, no Nordeste, são arrancadas do solo como "ervas daninhas" (devidamente orientado por técnicos) são, na verdade, um grande alimento para o gado e estão presentes nos cultivares da Embrapa, com perspectivas promissoras. Assim, todos concluíram que o solo nordestino tem a resposta para o seu problema de pastagem e que a adoção de "modas alienígenas" somente estão prejudicando o desenvolvimento de uma pecuária tipicamente tropical. Em breve, a Embrapa poderá indicar aos nordestinos que a melhor leguminosa é aquela que foi extirpada, inocentemente, para se implantarem culturas de difícil êxito.

ROTEIRO DE VISITAS

1 - Visando conferir um forte aspecto de "realidade" à Pesquisa, o CNPGL mostrou aos visitantes o seu Sistema de Produção, ou seja, uma pequena "fazenda" típica, que foi construída obedecendo todas as características básicas encontradas nos mais diferentes climas brasileiros, topografia, tipos de pastagem, padrão genético de rebanho leiteiro e suplementação volumosa dos animais na época da seca. Partindo daí, os pesquisadores "cuidam" da fazenda, diariamente, controlando todos os passos, quer na produção de leite, quer no aspecto administrativo, quer no controle veterinário e estão incorporando diversas técnicas melhoradoras, de fácil aplicação em qualquer fazenda.

2 - Banco ativo de Germoplasma, - vários técnicos fizeram a demonstração dos cultivares e a situação atual das pesquisas quanto a leguminosas, ficando explícito que não há, ainda, uma

3 - Na seção de estábulos, silos etc. suscitou interesse especial o sistema de ordenha mecânica, com diversas inovações em relação aos empregados na Paraíba, mas a grande novidade ficou para o Bezerreiro super-higiênico, onde os bezerros permanecem durante 56 dias, dando entrada logo após a primeira mamada. São alimentados com 2 litros de leite diários, atingindo 4 litros no final. No 57º dia, corta-se o leite, continuando ração e capim. Receberão ração até os seis meses, sendo que o colostro também é ministrado no Bezerreiro. O capim está presente desde o primeiro dia, para que o animal vá se acostumando.

4 - Nos piquetes, os bezerros continuam recebendo colostro até os seis meses, embora haja animais que não o recebem - sendo que esses não apresentam bom aspecto como os demais. Aqueles alimentados com colostro e



Domingos Sávio de Oliveira Monteiro, Humberto César de Almeida (Presidente da Sociedade Rural da Paraíba), Océlio Antonio Queiroga Cartaxo, Danilo Lira Maciel, Aloisio Afonso Campos, Leonardo Honório de Andrade, Rinaldo dos Santos (Paraíba Pecuária), Dr. Zelson Tenório (Embrapa-PB) e



soño de leite foram os que mais engordaram. A vermifugação é realizada no início da seca e o início das águas. Em termos de saúde, verifica-se que os animais estão muito melhor nos piquetes, que nos bezerreiros, sendo isso considerado normal para os técnicos. Cada piquete mede 0,5 hectare e recebe oito animais.

5 - O fornecimento de água para os piquetes é realizado através de canalizações que saem de uma caixa-d'água sobre um alto morro. Não há bomba, representando, assim, uma solução ideal para o Nordeste que, em algumas regiões, representa problemas de acesso aos açudes. Não há, nos piquetes, qualquer rio, lagoa ou açude, apenas a caixa-d'água.

6 - Verificou-se que os animais preferem deitar-se no chão, ao invés de o fazer em camas pré-fabricadas, mesmo quando em caso de saúde deficiente.

7 - Após discussão sobre a suplementação alimentar das vacas em lactação, os visitantes puderam verificar que as cercas indicadas, após diversas pesquisas, são aquelas que utilizam arame liso ovalado, por extraordinária resistência ao choque. Inseticidas são espalhados pela fazenda dentro de saquinhos plásticos, o que evita seu desperdício com a chuva.

FAZENDA SANTA MÔNICA - O REBANHO LEITEIRO BRASILEIRO

Após analisar o procedimento de grandes criadores brasileiros a Embrapa resolveu pesquisar as 4 estratégias consideradas mais viáveis para o Brasil: a) formação de PC. b) formação de gado 5/8. c) formação de gado cruzado holandês x zebu. d) cruzamento de holandês x holandês x zebu. A Embrapa não pretende definir um determinado grau de sangue, mas qual a melhor estratégia de cruzamentos, que é - até hoje - a grande incógnita brasileira.

De um rebanho de 878 cabeças (1.040 no final de 1978), sendo 609 fêmeas e 236 bezerras, com um índice de fertilidade na inseminação artificial

de 73%, a Embrapa selecionou 600 fêmeas para sua pesquisa. Os animais vão todos Holandês e Guzerá, sendo que utiliza essa última por já existir há muito tempo como propriedade Embrapa, mas os técnicos acreditam que o Gir poderia dar um resultado similar. Estão programados 0,8 hectares por cabeça.

De acordo com o Quadro abaixo, a pesquisa visa obter 240 animais em seu primeiro ano, sendo que 2/3 dos animais serão avaliados nas fazendas particulares, e 1/3 restante ficará para outras pesquisas na própria Embrapa.

As fazendas foram selecionadas da seguinte maneira: a) 30 fazendas consideradas grandes. b) 30 fazendas consideradas médias. c) 30 fazendas que apresentaram um mínimo de condições.

Cada fazendeiro receberá animais de diferentes graus de sangue, ficando com eles por seis anos, iniciando com animais de 18 a 24 meses. Todo leite e metade das crias serão do fazendeiro, havendo visita mensal do técnico para coleta de dados (controle leiteiro, de nascimentos, mortes, dos animais cedidos dos outros animais contemporâneos na fazenda etc). O ponto princi-

Rebanho selecionado	Grau de Sangue	Holandês PO	1/2	3/4	5/8	Guzerá PO	
	Quantidade	100	100	100	100	100	
Reprodutores		Holandês PO	H	G	H	5/8	H
Resultado esperado	Grau de Sangue	H	3/4	3/4	7/8	5/8	1/2
	Quantidade	40	40	40	40	40	





pal é que a Embrapa não interferirá no manejo das fazendas, ficando cada qual com sua maneira de proceder. Assim, a pesquisa mostrará os seguintes resultados: a) qual o mais indicado grau de sangue para estabilização do rebanho (utilizado, mas podendo não ser o mais indicado). b) qual a condição ideal de uma fazenda para exploração leiteira. c) qual a estratégia de cruzamento a ser indicada para todo o País, em função do observado nas fazendas.

Os visitantes, após calorosas discussões, concluíram que a pesquisa da Embrapa oferecerá — quando concluída — muitas soluções para a pecuária leiteira, valendo observar que é comum, no Nordeste, a criação de 1 cabeça por hectare, no mínimo, em regiões totalmente adversas, sendo que a pesquisa da Embrapa desenvolve-se em condições muito favoráveis.

ÚLTIMAS VISITAS

Os paraibanos visitaram algumas

propriedades particulares, de pequenas dimensões, orientadas pela EmaterMG, que vivem exclusivamente à base da exploração leiteira, fazendo diversas observações. A visita ao Instituto de Laticínios Cândido Tostes revestiu-se de êxito, pois foram apresentados vários trabalhos sobre a obtenção de queijo de leite de cabra, bem como detalhes para a instalação de uma unidade simples de fabricação de derivados de leite, muito necessário no Nordeste.

No último dia, a equipe dirigiu-se

para Belo Horizonte, para ver o encerramento da Exposição de Gado Holandês, esperando-se para o segundo semestre a continuidade do programa, dessa vez, levando os criadores até o Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, no Estado do Mato Grosso, porque — foi opinião corrente — que mais vale um programa intensivo desse, que muitas palestras teóricas proferidas por técnicos, além de possibilitar a introdução imediata de muitos benefícios, nas fazendas nordestinas.



Sinval Palmeira

NÃO EXAGEREMOS!

O autor, contestando um artigo publicado em nossa edição No. 2, vem afirmar que o Zebu não pode garantir — sozinho — um bom futuro para o Brasil, pois até o leite consumido na Índia é de bubalino. Diz estar consciente, no entanto, de que o Zebu é a legítima base do rebanho tropical, faltando-lhe apenas carne e leite, o que pode ser conseguido com cruzamentos orientados com raças européias. A não ser que se queira continuar importando leite em pó pela vida afora.

No número 2 do ano 2 da excelente revista "Paraíba Pecuária", que honra o Nordeste, nivelando-se às melhores revistas do gênero no Sul do País, lemos, com a maior atenção, o artigo de V. Coronado sob o título "Zoneamento da Pecuária Brasileira, uma necessidade". Nesse trabalho, bem escrito e sério, nos parece o articulista caiu ao exagero zebuista, que é prejudicial à pecuária brasileira, muito embora seja axiomático que sem zebu não haverá pecuária nos trópicos. Concordamos que a vinda do zebu para o Brasil é uma saga a merecer seu canto à altura. Conhecemos a persistência, a paciência, a obstinação dos novos bandeirantes que foram à Índia faiscar a gema que iria enriquecer a pecuária brasileira. Realmente a história de nossa pecuária teve início com o zebu. Mas será grave equívoco sustentar-se que teremos solucionado o problema da carne e do leite no Brasil à base da melhoria do rebanho zebuino. A aptidão leiteira do zebu vai até a alimentação do bezerro, o que ocorre, também, com as raças italianas de corte e, de um modo geral, com as raças de corte européias. O metabolismo do zebu não lhe garante uma transformação satisfatória do alimento em carne e leite, se comparado aos "bos taurus". E com zebu leiteiro teremos pela vida a fora de importar leite em pó. Na própria Índia o leite consumido é predominantemente de bubalinos. De tais considerações não resulta que negamos ao zebu seu papel fundamental na formação da grande pecuária de que carecemos, mas queremos afirmar que os cruzamentos de matrizes zebuínas com touros de escol de raças européias produzirão mestiças de leite em regime de campo e o sonhado novilho precoce.

Sem qualquer intuito polêmico, mas pretendendo humildemente, trazer a contribuição de nossa experiência de mais de doze anos nesse trabalho de mestiçagem, queremos assegurar que o gado italiano tão condenado pelo ilustre articulista, será uma grande e preciosa contribuição à melhoria de nosso rebanho de corte. Os soldados americanos que desembarcaram na Cecília e na Calábria não poderiam encontrar as raças chianina e marchigiana, como pretendeu V. Coronado. Em primeiro lugar porque lá foram procurar os exércitos nazistas que destruíram a Europa e os melhores valores de nossa cultura e civilização e, em segundo lugar, porque o gado chianina está no centro da Itália, oriundo do vale de

Chiana, está, sobretudo, na região da Toscana e Umbria. O gado marchigiana como o nome indica, é oriundo da região de Marche, do lado adriático, província de Ancona, Macerata, Ascoli-Pisceno, etc. Esses animais são de pelo curto e branco e pele escura, e se adaptam bem às condições dos trópicos. A marchigiana apresenta mesmo um pouco a barbela, pele solta e, nos touros, um começo de giba, o que o aproxima do zebu, facilitando a respiração pela pele. Importamos um plantel marchigiana que saiu de Ancona com o termômetro abaixo de zero e desceu na Bahia no dia seguinte com 35 graus de calor e ficavam ao sol na Cabana da Ponte, em pleno meio-dia, sem demonstrar qualquer alteração respiratória. É um testemunho. Não advogamos, no entanto, a criação dessas raças no Nordeste, em estado de pureza, mas para cruzamento com vacas zebu. O mestiço é tão rústico quanto o zebu e muito mais precoce e com carne magra da melhor qualidade.

Concordo com V. Coronado que é um "nonsense" importar Charolês para o Nordeste, sobretudo apresentando como raça leiteira. Isso parece caricatura. O Charolês é animal de pelo longo e pele clara, mais vulnerável aos ectoparasitas e tem a cabeça muito grande, o que acarretaria muitos problemas de pasto para nossas pequenas e resistentes vacas nordestinas.

Se me fosse dado aconselhar aos nossos pecuaristas do Nordeste, eu lhes diria: a) melhore seu zebu, procurando elevar o tipo do gado e as condições sanitárias do rebanho. Isso só será viável a curto prazo e baixo preço com inseminação artificial; b) separem suas vacas zebuínas em dois lotes: aquelas de boa formação de úbere, boas de leite, inseminem com holandês, schwyz, fleckvieh ou normando. A fêmea F-1 lhe dará, em regime de campo, de 6 a 10 litros por dia, os machos irão para o abate com 2 anos pesando 16 arrobas; c) não pense nunca em criar gado europeu puro no Nordeste; d) desenvolva suas seleções zebuínas de Nelore, Guzerá, Indubrasil, com vistas a boas matrizes para o cruzamento indicado.

Por que não falei de Gir? Porque a fêmea, embora de aptidão leiteira, o macho não terá peso compensador para o mercado. Na Paraíba, onde há bom gado Guzerá, eu aconselharia a cruzar com Guzerá, preferencialmente. São sugestões despretensiosas, fruto de vivência e observação, de erros e acertos. O ilustre V. Coronado falou que nosso gado ainda está em processo de heterose, donde ser problemático o teste de progênie. Mas que heterose? Se o gado é zebu, o zebu se conserva com milênios de pureza racial, não há que se falar de heterose. Heterose existirá no momento em que essa nobre raça indiana for cruzada com raças puras européias. E aí está a razão do sucesso da cruzar a heterose.

Concordo em gênero, número e caso que o zebu e o bom zebu, pesado, rústico, resistente às doenças, é a base de nossa pecuária, mas o cruzamento orientado visando leite e carne me parece fora de qualquer contestação. A exportação de zebu para Corrientes, na Argentina, é certa e prova que a pecuária argentina se convenceu das virtudes do zebu; essa importação pela Argentina visa cruzar com as raças européias ali existentes, para, pela heterose, transmitir rusticidade ao "bos taurus". É o processo brasileiro em sentido inverso, porque lá predomina o ventre europeu e aqui o zebuino.

Pedimos vênia ao ilustre articulista, com quem concordamos nas virtudes do zebu, para discordar de sua formal condenação da cruzar com as raças européias, particularmente com as raças italianas. Para concluir, informo que os americanos estão trazendo da Itália para suas centrais de Inseminação do Canadá as raças chianina e marchigiana, para introduzir o sêmen nos Estados Unidos.

Se as centrais americanas não estão cheias de marchigianas e chianinas como estão de Simental ou Argus é que na Itália ainda não foi totalmente erradicada a febre aftosa. Vamos melhorar nosso zebu. De acordo. Mas vamos cruzá-lo com outras raças visando o mestiço de leite e corte. Esta é, a nosso ver, uma política certíssima para a grande pecuária de que o Brasil carece.

JA

Fazenda N.S. APARECIDA

JA

JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO

GURINHÊM, PARAÍBA — Telefone: (081) 631.0325 — Cx. Postal: 1

RECIFE, PE — Telefone: (081) 326.6267, somente segunda feira.

Desde 1895, o mais tradicional rebanho Guzerá leiteiro vem seguindo a mesma orientação, estando presente em quase todas as fazendas do Brasil. Agora, na Paraíba, continua a mesma orientação e o mesmo controle, permitindo ao JA seguir adiante, em direção ao seu grande futuro.

GUZERÁ JA

**MANSO
LEITEIRO
MANTEIGUEIRO**

ALGUMAS MATRIZES JA, com excelente produção leiteira, na Aparecida.
Some international and other selected matrixes with their production on Aparecida Ranch.

Potinga	5.672 kg (Campeã Mundial)	Agenda	2.979 kg
Inglaterra	4.715 kg	Champanhe	2.946 kg
Ituiutaba	4.690 kg	Bandeira	2.925 kg
Indígena	4.517 kg	Tutora	2.902 kg
Francesa	4.450 kg (peso: 853 kg)	Discórdia	2.840 kg
Praia	4.414 kg	Escritora	2.808 kg
Fonte Nova	4.209 kg (1a. cria)	Bolívia	2.727 kg
Colatina	4.004 kg	Revoltosa	2.704 kg (1a. cria)
Magnólia	3.908 kg	Flecha	2.686 kg
Nudista	3.805 kg	Alpinista	2.685 kg
Geitosa	3.730 kg	Manilha	2.677 kg
Jazida	3.694 kg	Marinha	2.652 kg
Faisca	3.533 kg (gordura: 14,6 %)	Paulista	2.624 kg
Marqueza	3.494 kg	Jacutinga	2.471 kg (1a. cria)
Agricultura	3.401 kg	Fanta	2.430 kg
Benfica	3.368 kg	Jureia	2.416 kg (1a. cria)
Madrugada	3.267 kg	Galera	2.366 kg (1a. cria)
Duplicata	3.252 kg	Formosa	2.329 kg
Muritiba	3.248 kg	Blindada	2.276 kg (1a. cria)
Legionária	3.150 kg		
Alvorada	3.118 kg		
Barcelona	3.074 kg		
Arteira	3.032 kg		

(Controle leiteiro pela ABC)

Faça-nos uma visita
e conheça essas
prodigiosas Matrizes
e seus filhos.

Nós temos
o tourinho
certo para
sua Fazenda.

Some international and other selected matrixes with their production living on Aparecida Ranch, as a form of guarantee that the JA trade-mark will always be JA.



**a chuva com
certeza**

IRRIGAÇÃO

- Mais de 10.000 hectares irrigados no Nordeste.
- Ideal para Pastagens, Cana-de-Açúcar, Rami, Citrus, Banana, Sementeiras, Hortaliças, Fruteiras, etc.
- Equipe de Técnicos Agrônomos à disposição para atender em qualquer parte do Nordeste.
- Dan Metal tem a solução para as pequenas, médias e grandes empresas agropecuárias.



A irrigação
é o sinal
do progresso em
seu Pasto e sua
cultura

Solicite e
receba nossa
Literatura Técnica
gratuitamente.

"IRRIGAÇÃO
POR
ASPERSÃO"

Tenha
lucro certo
e chuva com
certeza

IRRIGAÇÃO
Perrot
UM PRODUTO DE QUALIDADE "PERROT"

DANMETAL

Avenida Cruz Cabugá, 515
Santo Amaro — Recife — Pernambuco
End. Telefônico — "DANMETAL"
Tels.: (081) 221.4733/222.1225



A irrigação é a certeza de uma boa pecuária e agri-